



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA

EMILLY BANDEIRA PEREIRA

CRITÉRIOS COMPORTAMENTAIS E TESTES PREDITIVOS NA SELEÇÃO DE
CÃES-GUIAS NO BRASIL

FORTALEZA

2026

EMILLY BANDEIRA PEREIRA

CRITÉRIOS COMPORTAMENTAIS E TESTES PREDITIVOS NA SELEÇÃO DE
CÃES-GUIAS NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Zootecnia do Centro
de Ciências Agrárias da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharelado em Zootecnia.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Carla Renata
Figueiredo Gadelha.

FORTALEZA

2026

EMILLY BANDEIRA PEREIRA

CRITÉRIOS COMPORTAMENTAIS E TESTES PREDITIVOS NA SELEÇÃO DE
CÃES-GUIAS NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Zootecnia do Centro
de Ciências Agrárias da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharelado em Zootecnia.

Aprovada em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Carla Renata Figueiredo Gadelha (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Andréa Pereira Pinto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

M. Sc. Alan Martins de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus por me dar a oportunidade de escrever esse trabalho e por ter me dado toda a força necessária nos momentos mais difíceis durante a graduação até este momento. Sem Ele, eu nada conseguiria.

Ao meu namorado Lucas por ter participado indiretamente dessa caminhada acadêmica, com todo o apoio emocional durante momentos conturbados, com a paciência em ser a minha plateia nos treinos de seminário e ser leitor de muitos trabalhos produzidos.

Ao meu pai (*in memoriam*), por ter se dedicado profissionalmente para me proporcionar bons estudos, por me desejar uma boa formação acadêmica e sempre apoiar minhas escolhas, mesmo que eu tenha mudado de ideia diversas vezes.

À minha mãe, que desde sempre sonhou com a minha formação e nunca deixou que eu esquecesse o quanto eu era capaz de chegar até o fim. Esse sonho, que começou no coração dela, hoje se concretiza também como uma vitória minha.

Ao meu irmão, que no momento em que precisei viajar para outro estado e realizar um novo estágio, não me deixou desistir.

Aos meus amigos de vida, de graduação e de estágio: Thalia, Ana Beatriz, Gabrielle, Gabriela e Lana, expresso minha mais sincera gratidão pelo carinho, apoio e incentivo ao longo dessa jornada. Cada uma de vocês teve um papel especial na minha trajetória, compartilhando momentos de desabafo, desafios, conquistas e crescimento pessoal. Agradeço especialmente à Thalia, que foi minha parceira em todas as atividades durante a graduação. Sua companhia, dedicação, amizade e apoio constante tornaram essa caminhada mais leve, enriquecedora e inesquecível. Dividir os desafios acadêmicos e celebrar as conquistas ao seu lado foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Ao meu supervisor de estágio no MAPA e Auditor Fiscal Federal, Allisson Guimarães, por ter confiado em mim, pela paciência e pelos aprendizados, além de ser motivo de inspiração para a área que escolhi profissionalmente.

À médica-veterinária e orientadora técnica durante meu estágio na Adimax, Marina Macruz, por todos os conselhos, tanto profissionais quanto pessoais, e por confiar em mim durante as atividades dos setores da empresa.

Aos zootecnistas Mário Rodrigues, Tatiane Ninomya, Lívea Gomes e Viviane Monteiro, que, além de também terem sido ótimos orientadores durante meu estágio na Adimax, são motivos de inspiração e de orgulho do curso que escolhi.

Aos professores Luiz Euquério, Aderson Viana, Gabrimar Araújo, Luciano Pinheiro e Patrícia Pimentel, expresso minha sincera gratidão pelos ensinamentos, pela dedicação à docência e pela contribuição indispensável para minha formação acadêmica. Cada um, à sua maneira, deixou marcas importantes em minha trajetória na UFC.

À professora e minha orientadora Carla Renata Gadelha, registro um agradecimento especial por sua orientação, disponibilidade, paciência e confiança durante a elaboração desse trabalho.

Aos coordenadores do curso de Zootecnia, agradeço por todo o auxílio nesta etapa de conclusão de curso.

Por fim, agradeço ao Instituto Adimax, Centro de Treinamento para Cães-guias de Salto de Pirapora/SP, pelo acolhimento durante as visitas no período de estágio e por ter mostrado um mundo completamente novo, que contempla uma causa social aliada à Zootecnia. Agradeço também às colaboradoras da Adimax, Kátia e Marcela, usuárias de cão-guia e a quem dedico esse trabalho.

RESUMO

A formação de cães-guias representa um processo complexo que envolve a seleção criteriosa de animais capazes de desempenhar suas funções com segurança, eficiência e estabilidade comportamental. Entretanto, uma parcela significativa dos candidatos é desligada dos programas de treinamento devido a características comportamentais incompatíveis com as exigências da atividade, o que reforça a necessidade de métodos capazes de identificar precocemente indivíduos com maior potencial para o trabalho de assistência. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo realizar a síntese de pesquisas sobre os critérios comportamentais e os testes preditivos utilizados na seleção de cães-guias, com ênfase em sua aplicação para os programas de formação no Brasil. Foram abordados aspectos relacionados ao histórico dos cães-guias, às características comportamentais desejáveis para a função, à influência das raças e das bases genéticas do comportamento, às principais causas de reprovação durante o treinamento e aos desafios enfrentados pelos programas brasileiros de formação. Além disso, foram discutidas diferentes ferramentas de avaliação comportamental, incluindo testes realizados na fase juvenil, questionários comportamentais, avaliações de lateralidade motora e biomarcadores fisiológicos associados ao estresse e à reatividade emocional. A literatura demonstra que características como estabilidade emocional, sociabilidade, pouca distração, confiança diante de estímulos novos e elevada treinabilidade estão associadas a maiores índices de sucesso na formação de cães-guias, enquanto medo excessivo, ansiedade, reatividade e hipersensibilidade ao ambiente figuram entre as principais causas de desligamento. Os estudos também indicam que a utilização combinada de avaliações comportamentais, testes preditivos e critérios genéticos pode aumentar a eficiência dos programas de seleção, reduzindo custos e melhorando o aproveitamento dos candidatos que estão na fila de espera. Conclui-se que os testes preditivos constituem ferramentas promissoras para a identificação precoce de cães com potencial para a função de guia, embora sua aplicação deva considerar a interação entre fatores genéticos, ambientais e experiências durante o desenvolvimento. Destaca-se também a necessidade de ampliação das pesquisas nacionais visando a validação dessas metodologias no contexto brasileiro.

Palavras-chave: etologia; cão-guia; cinotecnia.

ABSTRACT

The training of guide dogs is a complex process that involves the careful selection of animals capable of performing their duties safely, efficiently, and with behavioral stability. However, a significant proportion of candidates are removed from training programs due to behavioral characteristics incompatible with the demands of the job, which underscores the need for methods capable of early identification of individuals with the greatest potential for assistance work. In this context, the objective of this study was to synthesize research on the behavioral criteria and predictive tests used in the selection of guide dogs, with an emphasis on their application to training programs in Brazil. The study addressed aspects related to the history of guide dogs, the behavioral characteristics desirable for the role, the influence of breeds and the genetic basis of behavior, the main causes of failure during training, and the challenges faced by Brazilian training programs. In addition, various behavioral assessment tools were discussed, including tests conducted during the juvenile phase, behavioral questionnaires, assessments of motor laterality, and physiological biomarkers associated with stress and emotional reactivity. The literature shows that traits such as emotional stability, sociability, low distractibility, confidence when faced with new stimuli, and high trainability are associated with higher success rates in guide dog training, while excessive fear, anxiety, reactivity, and hypersensitivity to the environment are among the main causes of dismissal. Studies also indicate that the combined use of behavioral assessments, predictive tests, and genetic criteria can increase the efficiency of selection programs, reducing costs and improving the utilization of candidates on the waiting list. It is concluded that predictive tests are promising tools for the early identification of dogs with potential for guide dog work, although their application must take into account the interaction between genetic and environmental factors, as well as developmental experiences. The need to expand national research aimed at validating these methodologies in the Brazilian context is also emphasized.

Keywords: ethology; guide dog; cynotechnics

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	BASE HISTÓRICA DOS CÃES-GUIAS.....	11
2.1	Desenvolvimento dos programas de cães-guias no Brasil.....	13
3	FATORES ASSOCIADOS AO SUCESSO DA SELEÇÃO.....	15
3.1	Perfil ideal.....	15
3.2	Influência das raças na seleção.....	17
3.2.1	<i>Bases genéticas do comportamento.....</i>	<i>21</i>
3.3	Influência do ambiente e socialização.....	22
3.4	Principais causas de reprovação no programa.....	24
4	TESTES PREDITIVOS E FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO.....	26
4.1	Teste de comportamento na fase juvenil.....	27
4.1.1	<i>Teste de Volhard.....</i>	<i>28</i>
4.2	Avaliação da lateralização motora.....	29
4.2.1	<i>Teste do Kong.....</i>	<i>30</i>
4.2.2	<i>Teste do Primeiro Passo.....</i>	<i>32</i>
4.2.3	<i>Teste da fita.....</i>	<i>32</i>
4.3	Biomarcadores fisiológicos.....	34
4.4	Questionários para avaliações comportamentais.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXO A - Questionário C-BARQ (Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire) traduzido para o português.....	43

1 INTRODUÇÃO

A relação entre seres humanos e cães remonta a milhares de anos e representa um dos mais antigos processos de domesticação conhecidos. Evidências arqueológicas indicam que a aproximação entre humanos e lobos ancestrais ocorreu há pelo menos 14 mil anos, resultando gradualmente no surgimento do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*). Ao longo desse processo, a seleção de indivíduos com características comportamentais desejáveis permitiu o desenvolvimento de animais especializados para diferentes funções, incluindo caça, pastoreio, guarda, companhia e assistência. Entre essas funções, a assistência a pessoas com deficiência visual destaca-se por sua relevância social. Os primeiros registros documentados do uso sistemático de cães-guias remontam ao século XIX, especialmente aos trabalhos de Johann Wilhelm Klein, em Viena, o qual descreveu métodos de treinamento e critérios para a seleção de animais adequados à função. Posteriormente, relatos como os de Jakob Birrer contribuíram para consolidar conhecimentos sobre o treinamento e o manejo desses cães, estabelecendo as bases para os programas modernos de formação.

De acordo com o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui mais de 14 milhões de pessoas com deficiência, correspondendo a 7,3% da população. A maior dificuldade está relacionada à visão, atingindo 7,9 milhões de PCDs (IBGE, 2022). Apesar desse contingente expressivo, a disponibilidade de cães-guias no país permanece limitada. No país, atualmente, cerca de 220 cães-guias estão em atividade, visto que o acesso a esse tipo de tecnologia assistiva envolve alta complexidade técnica e enfrenta barreiras técnico-econômicas significativas (UNUCG, 2026).

Os critérios de seleção para cães-guias devem ser rigorosos, exigindo um alto nível de desempenho do cão. Ao desempenharem as suas funções, devem ser capazes de manter o autocontrole em diferentes circunstâncias e encontrar soluções quando confrontados com obstáculos, a fim de garantir a segurança da pessoa que o auxiliam (Rooney *et al.*, 2016). Em razão dessas exigências, programas de formação de cães-guias apresentam elevadas taxas de reprovação em diversas partes do mundo (Arata *et al.*, 2010), inclusive no Brasil. O custo de formação de um cão-guia também é muito alto - no ano de 2018, o valor médio de um animal com essa função era de R\$ 35 mil (IRIS, 2016). Dessa forma, o desligamento de cães durante a formação levam a perdas financeiras significativas para centros de treinamento. Identificar precocemente indicadores capazes de prever o sucesso de um cão-guia o mais cedo possível com base em seu temperamento, a fim de auxiliar as decisões dos centros de

treinamento, é, portanto, uma questão relevante e amplamente investigada na literatura. Enquanto alguns cães são desligados do programa devido a doenças, os problemas comportamentais representam uma das principais causas da reprovação da maioria dos candidatos a cães-guias (Goddard, 1982).

No cenário brasileiro, a implementação de programas de cães-guias baseia-se na integração entre os padrões internacionais da Federação Internacional de Cães-Guias (IGDF, sigla em inglês) e as exigências do Decreto nº 5.904/2006, que define os requisitos documentais que regulamenta aspectos relacionados ao uso e à identificação legal do cão-guia. O rigor na triagem de filhotes justifica-se pela necessidade de garantir que o cão atue como auxílio seguro à mobilidade do usuário, mantendo comportamento socialmente estável e previsível. A legislação nacional, inclusive, proíbe o uso de focinheiras, fundamentando-se no fato de que esses animais passam por testes de temperamento que asseguram sua docilidade e estabilidade emocional. Entretanto, a taxa de falhas permanece elevada, estando o medo e a reatividade entre as principais causas de reprovação dos candidatos. Para otimizar os recursos institucionais e preservar a segurança do usuário, a literatura enfatiza a importância de avaliar a resiliência emocional o mais cedo possível, favorecendo a formação de um animal confiável e autônomo, capaz de exercer a desobediência inteligente quando necessário.

Diante das elevadas taxas de reprovação observadas nos programas de treinamento e dos custos envolvidos na formação desses animais, torna-se cada vez mais importante identificar indicadores capazes de prever o sucesso futuro dos candidatos ainda nas fases iniciais de desenvolvimento. Nesse contexto, os testes comportamentais e as avaliações de temperamento têm sido amplamente investigados como ferramentas preditivas, capazes de auxiliar na seleção de indivíduos com maior probabilidade de sucesso. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir da literatura, os critérios comportamentais e os testes preditivos empregados na seleção de cães-guias no Brasil, discutindo sua aplicabilidade, limitações e contribuições para o aprimoramento dos programas de formação.

2 BASE HISTÓRICA DOS CÃES-GUIAS

A domesticação dos cães (*Canis lupus familiaris*) constitui um dos processos de coevolução mais antigos entre seres humanos e animais. Evidências arqueológicas obtidas por meio de fósseis datados do Paleolítico Superior, entre aproximadamente 14 e 40 mil anos atrás, indicam que a relação entre humanos e lobos-cinzentos (*Canis lupus*) teve início nesse período. A hipótese mais amplamente aceita para explicar a origem da domesticação é a seleção artificial, segundo a qual indivíduos que apresentavam características comportamentais favoráveis à convivência com humanos, como docilidade, capacidade de aprendizagem e cooperação, foram gradualmente selecionados para desempenhar diferentes funções, incluindo caça, proteção, pastoreio e companhia. Esse processo resultou na diferenciação evolutiva entre o lobo-cinzento e o cão doméstico.

Ao longo da história, os cães passaram a desempenhar funções cada vez mais diversificadas, sendo empregados em atividades relacionadas à caça, à proteção, ao pastoreio, além de guarda, companhia e assistência. Em decorrência dessa relação de longa duração, a espécie consolidou-se também como um dos principais animais de trabalho, estabelecendo estreito vínculo com os seres humanos e ampliando progressivamente sua importância social.

Os registros históricos que indicam a utilização de cães como auxiliares de pessoas com deficiência visual remontam à Antiguidade, evidências arqueológicas e representações artísticas sugerem que indivíduos cegos utilizavam cães como acompanhantes em seus deslocamentos há mais de dois mil anos. Entretanto, a sistematização do treinamento de cães para essa finalidade ocorreu apenas a partir do século XIX, sendo consolidada no século XX com o surgimento dos primeiros programas organizados de formação de cães-guias (Wiggett-Barnard; Steel, 2008).

Entre os pioneiros desse processo destaca-se Johann Wilhelm Klein, educador austríaco considerado um dos primeiros a documentar métodos de treinamento para cães destinados à assistência de pessoas com deficiência visual. Klein deu continuidade aos avanços promovidos por Valentin Haüy, fundador do Instituto Nacional para Jovens Cegos de Paris, e em sua obra *Lehrbuch zum Unterricht der Blinden* (1819), Klein descreveu procedimentos sistemáticos de treinamento, propondo o uso de uma haste rígida acoplada à coleira do cão (considerada precursora do arreio moderno) e recomendando critérios comportamentais para a seleção dos animais, priorizando indivíduos com temperamento dócil, obediente e estável.

O desenvolvimento dos programas modernos de cães-guias está diretamente relacionado ao período posterior à Primeira Guerra Mundial. Durante o conflito, milhares de soldados adquiriram deficiência visual permanente em decorrência de lesões causadas principalmente pelo uso de agentes químicos. Nesse contexto, instituições alemãs iniciaram programas especializados de treinamento de cães para auxiliar esses indivíduos em atividades de locomoção e orientação, o que tornou a Alemanha reconhecida por ser o primeiro país a estruturar centros especializados de treinamento de cães-guias e cujas metodologias influenciaram programas desenvolvidos posteriormente em diversos países (The Seeing Eye, 2024).

Nesse cenário, destaca-se a atuação do médico alemão Dr. Gerhard Stalling, que, ao observar o comportamento cooperativo de seu cão conduzindo espontaneamente um paciente com deficiência visual, idealizou a utilização sistemática desses animais como recurso de assistência. Em 1916, fundou em Oderberg, na Alemanha, a primeira escola de cães-guias para pessoas cegas, em parceria com a Cruz Vermelha, instituição que já empregava cães em atividades de busca e resgate durante o conflito. A Associação Alemã de Cães de Assistência Médica expandiu-se rapidamente, estabeleceu filiais em diversas cidades alemãs e treinou aproximadamente 600 cães por ano, tornando-se referência internacional e fornecendo animais para países como Reino Unido, França, Espanha, Itália, Estados Unidos, Canadá e União Soviética.

Ao longo do século XX, o treinamento tornou-se progressivamente mais sofisticado, incorporando conhecimentos provenientes da etologia, da psicologia animal e da genética. Inicialmente, a seleção dos cães era baseada principalmente em observações empíricas realizadas por treinadores experientes. Contudo, o aumento da demanda por cães-guias e os elevados custos envolvidos em sua formação estimularam o desenvolvimento de métodos mais objetivos para identificar animais com maior potencial para desempenhar a função (Goddard; Beilharz, 1983).

A partir das décadas de 1970 e 1980, diversos estudos passaram a investigar a influência de fatores genéticos, comportamentais e ambientais sobre o sucesso dos cães durante o treinamento, o que resultou no surgimento dos primeiros trabalhos voltados à avaliação de traços comportamentais considerados desejáveis para a atividade de guia, como sociabilidade, estabilidade emocional, capacidade de aprendizagem, baixa reatividade a estímulos ambientais e reduzida distraibilidade (Serpell; Hsu, 2001).

Atualmente, os programas de formação de cães-guias utilizam uma combinação de estratégias envolvendo seleção genética, monitoramento comportamental e testes

preditivos realizados em diferentes fases do desenvolvimento do animal. Essa abordagem busca aumentar a taxa de sucesso dos candidatos e reduzir os custos associados ao treinamento de cães que futuramente poderão ser desligados do programa por inadequação comportamental (Asher *et al.*, 2013).

Além da função de locomoção segura, os cães-guias exercem importante papel social e emocional para seus usuários. Pesquisadores demonstram que esses animais contribuem para a ampliação da autonomia, independência e participação social das pessoas com deficiência visual, além de favorecerem aspectos relacionados à qualidade de vida e ao bem-estar psicológico (Wiggett-Barnard; Steel, 2008). Dessa forma, a seleção adequada dos candidatos ao trabalho de guia possui impacto não apenas sobre a eficiência dos programas de treinamento, mas também sobre a qualidade da assistência aos usuários.

2.1 Desenvolvimento dos programas de cães-guias no Brasil

No Brasil, a estruturação de programas voltados à formação de cães-guias ocorreu de forma mais tardia quando comparada a países da Europa e da América do Norte. Durante grande parte do século XX, pessoas com deficiência visual dependiam predominantemente de recursos como bengalas, auxílio de terceiros e adaptações ambientais para sua locomoção. A disponibilidade de cães-guias era extremamente limitada e, em muitos casos, os animais precisavam ser importados de instituições estrangeiras, tornando o acesso restrito a um pequeno número de indivíduos. O crescimento do movimento de inclusão social e a ampliação dos direitos das pessoas com deficiência impulsionaram o interesse pela formação de programas nacionais de cães-guias (Souza *et al.*, 2019).

Nas últimas décadas, diferentes instituições passaram a investir na capacitação de treinadores e na implementação de centros especializados voltados à criação, seleção e treinamento desses animais. Um marco importante ocorreu com a criação do Centro de Formação de Treinadores e Instrutores de Cães-Guias do Instituto Federal Catarinense (IFC), localizado em Camboriú, considerado referência nacional na formação de profissionais e no treinamento de cães-guias. A iniciativa contribuiu significativamente para a consolidação da atividade no país e para a ampliação do acesso de pessoas com deficiência visual a esse recurso de tecnologia assistiva (Brasil, 2019).

Apesar dos avanços observados, a formação de cães-guias no Brasil ainda enfrenta desafios significativos. O processo de treinamento é longo, complexo e envolve custos elevados, podendo ultrapassar dois anos entre a seleção do filhote e a entrega ao

usuário. Além disso, uma parcela considerável dos cães inicialmente selecionados não conclui o treinamento devido a fatores comportamentais, clínicos ou físicos - o que representa importante impacto econômico para as instituições formadoras (Harvey *et al.*, 2016).

Nesse cenário, cresce o interesse por pesquisas relacionadas à identificação precoce de características associadas ao sucesso dos candidatos. Estudos recentes têm buscado desenvolver ferramentas capazes de prever o desempenho futuro dos cães ainda nas fases iniciais de desenvolvimento, permitindo decisões mais eficientes sobre permanência, redirecionamento ou desligamento dos animais dos programas de formação (Harvey *et al.*, 2016). O avanço dessas estratégias tem potencial para aumentar a eficiência dos programas nacionais, otimizar recursos financeiros e promover melhores condições de bem-estar para os animais envolvidos. Além disso, pode contribuir para ampliar o acesso de pessoas com deficiência visual a cães-guias adequadamente preparados.

3 FATORES ASSOCIADOS AO SUCESSO DA SELEÇÃO

Cerca de 65% das falhas na formação de um cão-guia são de ordem comportamental, sendo mais frequentes que os problemas de saúde física (Harvey *et al.*, 2016). Os principais fatores limitantes envolvem manifestações de medo e ansiedade na presença de estranhos, hiperexcitabilidade ou reatividade excessiva perante outros cães, além de extrema sensibilidade a ruídos urbanos repentinos. No contexto do tráfego urbano de muita movimentação, um único episódio de pânico ou de reação defensiva pode comprometer a integridade física do usuário e a segurança da dupla usuário-cão, tornando a estabilidade comportamental um requisito de segurança absoluto (Naomi *et al.*, 2014).

O medo é um estado emocional desencadeado pela percepção de perigo pelo cão, resultando em uma resposta comportamental adaptativa desencadeada para gerenciar alguma ameaça (Ilska J. *et al.*, 2017). A expressão de medo de um indivíduo é afetada pela interação de fatores genéticos e ambientais (Landsberg, 2013), como características hereditárias (Goddard, 1982), influência do ambiente e experiências aprendidas durante o período de desenvolvimento (Appleby, 2002).

3.1 Perfil ideal

A estabilidade comportamental é um dos principais requisitos de segurança para um cão-guia no trabalho de assistência, sendo o seu perfil ideal definido por um temperamento dócil, estável, focado e cooperativo (IGDF, 2026). O candidato deve ser amigável com outros animais e demonstrar sociabilidade humana, buscando ativamente a companhia de pessoas. Qualquer traço de agressividade - seja ela territorial, por posse de recursos, predação ou comportamento defensivo - é motivo para descarte imediato do programa. É fundamental que o animal mantenha um equilíbrio emocional, sem apresentar timidez excessiva, comportamentos dominantes ou submissão extrema que prejudiquem sua autonomia.

A capacidade de manter a concentração constante em ambientes urbanos complexos é um dos pilares mais críticos para a segurança do usuário. O cão ideal deve possuir também uma baixa sensibilidade a distrações comuns, sendo capaz de ignorar outros cães, gatos, aves e alimentos dispersos no solo enquanto guia. Além disso, deve apresentar baixos instintos de caça e de perseguição para garantir que sua atenção permaneça em guiar o humano, mesmo sob forte estimulação olfativa ou visual. Manter-se atento aos estímulos

relevantes do ambiente permite que o cão se desloque com segurança por multidões e tráfego pesado, mantendo o foco necessário para a sinalização de obstáculos e travessias.

Ter a capacidade de se restabelecer emocionalmente de forma rápida é essencial para que o cão suporte o estresse do cotidiano sem entrar em pânico. Por isso, é exigido que o animal não expresse nervosismo ou medo perante ruídos súbitos, como buzinas e trovões, ou objetos iminentes, como guarda-chuvas abrindo e carrinhos de compras. Cães que não possuem essa capacidade tendem a acumular tensões que culminam em episódios de recusa de comando, sendo importante ter um tempo de retorno menor ao estado de calma. A habilidade de autorregulação permite que o cão module sua resposta ao estresse e continue executando suas tarefas com eficiência mesmo após esses eventos adversos.

No âmbito do aprendizado e obediência, o cão-guia de excelência deve ser altamente treinável e responsivo à voz humana. Isso inclui o cumprimento rigoroso de comandos de tração, marcha e paradas em meios-fios (Tabela 1), além da capacidade de exercer a “desobediência inteligente”, isto é, recusar um comando quando sua execução coloca a segurança do condutor em risco. É esperado que o animal exiba uma cooperação voluntária e independência para encontrar soluções diante de obstáculos aéreos ou barreiras no próprio chão. O cão-guia ideal deve ser capaz de tomar decisões ao mesmo tempo em que permanece responsivo às diretrizes de segurança da pessoa assistida.

Tabela 1 - Habilidades a serem aprendidas durante adestramento

Categoria de aprendizado	Habilidades essenciais	Habilidades opcionais
Marcha e tração	Caminhada constante na guia (tipicamente à esquerda), ajuste ideal de velocidade e tensão no arnês rígido.	Uso do método de seguimento dinâmico de guias (“ <i>follow</i> ” technique).
Gestão de obstáculos	Desvio ativo de barreiras físicas estáticas e móveis, desvio de obstáculos aéreos e no solo.	Recuperação física de objetos caídos sob comando verbal ou cinestésico do usuário.
Travessia e vias	Reconhecimento e localização de destinos frequentes, como portas, assentos, caixas eletrônicos e pontos de parada.	Navegação guiada em escadas rolantes, esteiras e rampas móveis de aeroportos.
Comportamento social	Comportamento silencioso e de repouso em escritórios, cafés, lojas e restaurantes.	Definição de áreas e rotinas controladas para necessidades fisiológicas sob

		comando de voz.
--	--	-----------------

Fonte: Adaptado de IGDF (2026).

A vida social do cão-guia exige adaptabilidade e comportamento impecável, tanto no trabalho quanto nos momentos de descanso. O perfil ideal também inclui a capacidade de relaxar e se deitar silenciosamente em locais fechados, como escritórios, restaurantes, cafeterias e dentro de aeronaves, sem demonstrar hiperatividade ou ansiedade de separação. Além disso, hábitos sanitários consolidados são obrigatórios, permitindo que o animal seja limpo em ambientes internos e realize suas necessidades fisiológicas em locais apropriados e sob comando. O cão também deve apresentar boa adaptação em diferentes meios de transporte, sendo resistente ao enjoo e à ansiedade de deslocamento.

Além dos aspectos comportamentais, a integridade física e a base genética sustentam a capacidade de trabalho a longo prazo do animal. O cão deve ter o acompanhamento de um médico-veterinário para plena avaliação da saúde nos sistemas ortopédico, visual, auditivo, cardiovascular e neurológico, além de um peso e altura compatíveis com o padrão de sua raça, para favorecer a resistência física necessária ao desempenho seguro e contínuo das atividades de guia. Embora o treinamento e o ambiente sejam cruciais, o perfil ideal é favorecido pelas linhagens de Labradores e Golden Retrievers que foram selecionadas por gerações para apresentar alta docilidade e baixa reatividade social. Identificar essas características precocemente através de testes preditivos é a estratégia mais eficaz para garantir o bem-estar e o sucesso da dupla formada pelo cão e pela pessoa com deficiência visual.

3.2 Influência das raças na seleção

Em 1847, um suíço chamado Jakob Birrer contribuiu para a assistência canina a pessoas com deficiência visual após registrar uma das primeiras descrições detalhadas do uso funcional cotidiano e do treinamento empírico de cães-guias por um usuário, oferecendo observações concretas sobre raças adequadas, idade de início do treinamento e o desempenho locomotor. Birrer, assim como Klein, acreditava na superioridade das raças Spitz e do Poodle para esse propósito, conforme narra em um de seus escritos:

“[...] Enquanto um Spitz tem resistência, mesmo em longas caminhadas, o Poodle só pode ser usado até certo ponto em cidades, e mesmo assim, muitas

vezes apenas como cão de companhia, além de ser lento, principalmente no verão. [...] Eu prefiro o Spitz ao Poodle não só por isso, mas também por ser mais fácil de adestrar; a única coisa que você precisa garantir com essa raça é que o animal tenha entre dez e dezesseis meses de idade”.

Embora as observações de Birrer tenham contribuído para as primeiras discussões sobre a escolha de cães para assistência a pessoas com deficiência visual, os critérios utilizados naquela época eram predominantemente empíricos. Ao longo do século XX, o desenvolvimento dos programas de cães-guias permitiu a identificação de características comportamentais e físicas associadas ao sucesso na função, levando à consolidação de determinadas raças como preferenciais para o trabalho de guia. Embora as recomendações iniciais estivessem fundamentadas sobretudo na experiência prática de treinadores e usuários, o desenvolvimento das pesquisas em comportamento animal, genética e seleção aplicada permitiu compreender de maneira mais objetiva a influência da herança genética sobre características relevantes para o trabalho de assistência.

Nos primeiros programas organizados, o Pastor Alemão esteve entre as raças mais utilizadas. Sua inteligência, capacidade de aprendizagem e obediência eram amplamente reconhecidas; contudo, com o passar das décadas, observou-se que alguns indivíduos ou linhagens poderiam apresentar maior sensibilidade, instinto de proteção acentuado e reatividade diante de situações inesperadas. Em ambientes urbanos complexos, onde um cão-guia deve permanecer calmo diante de buzinas, multidões, motocicletas, outros animais e diversos estímulos simultâneos, essas características aumentavam significativamente o risco de falhas durante o treinamento ou de aposentadoria precoce (Duffy; Serpell, 2012).

Outras raças foram incorporadas experimentalmente aos programas internacionais. O Dobermann demonstrava excelente inteligência e grande capacidade de concentração, mas muitos indivíduos apresentavam níveis elevados de vigilância e sensibilidade emocional, tornando-se excessivamente atentos aos estímulos externos (Ennik *et al.*, 2006). O Boxer mostrou boa disposição para o trabalho, porém sua energia elevada e tendência à impulsividade dificultavam a concentração durante longos períodos. Já o Schnauzer Gigante revelou boa capacidade de aprendizagem, mas apresentou grande variabilidade comportamental entre indivíduos, reduzindo a previsibilidade dos resultados obtidos pelos programas de criação (Batt *et al.*, 2010).

No geral, entre as raças mais utilizadas em programas de formação de cães-guias destacam-se Pastor Alemão, Labrador Retriever, Golden Retriever, Poodle e, mais recentemente, cruzamentos entre Labrador Retriever e Golden Retriever (Tabela 2). A

consolidação dessas raças não ocorreu por acaso, mas foi consequência de décadas de observação sistemática acerca de atributos físicos e comportamentais que favorecem a execução segura das tarefas de orientação e mobilidade (Goddard; Beilharz, 1983).

Tabela 2 - Principais raças utilizadas em programas de cães-guias e características comportamentais associadas

Raça	Principais características
Labrador Retriever	Sociabilidade, treinabilidade e estabilidade emocional
Golden Retriever	Cooperação, sensibilidade social e adaptabilidade
Labrador x Golden	Combinação de características desejáveis
Pastor Alemão	Inteligência e capacidade de trabalho
Poodle	Inteligência e opção para pessoas alérgicas

Fonte: Adaptado de McGreevy *et al.* (2010).

Nesse contexto, o Labrador Retriever passou gradativamente a ocupar posição de destaque, tornando-se atualmente uma das principais raças empregadas em programas de formação de cães-guias em diversos países. Essa preferência está associada à elevada treinabilidade, ao temperamento equilibrado, à sociabilidade, à forte motivação para cooperar com seres humanos e à capacidade de adaptação a diferentes ambientes urbanos. Soma-se a isso o porte físico adequado para auxiliar na locomoção de pessoas com deficiência visual e a baixa incidência de comportamentos agressivos quando comparada, em média, a outras raças tradicionalmente utilizadas para trabalho (Batt *et al.*, 2008).

Os Golden Retrievers também ocupam posição de destaque entre os cães destinados à assistência. Assim como os Labradores, apresentam elevada capacidade de aprendizagem, forte predisposição para a cooperação com humanos e grande facilidade para estabelecer vínculos sociais consistentes com seus usuários. Sua sensibilidade social é frequentemente apontada como uma característica favorável para o desenvolvimento da parceria entre cão e pessoa com deficiência visual. Os estudos de Serpell e Hsu (2001), contudo, sugerem que os Golden Retrievers podem apresentar níveis ligeiramente superiores de sensibilidade emocional em comparação aos Labradores, aspecto que deve ser considerado durante os processos de seleção e treinamento.

Nos últimos anos, diversos programas internacionais passaram a investir em cruzamentos controlados entre Labrador Retriever e Golden Retriever. O objetivo dessa estratégia consiste em reunir características desejáveis de ambas as raças, buscando aumentar as probabilidades de sucesso na formação dos futuros cães-guias. Esses cruzamentos frequentemente apresentam elevados índices de treinabilidade, sociabilidade e estabilidade comportamental. Asher *et al.* (2013) refutam a hipótese de Goddard e Beilharz (1984) de que a heterose não inibiria a característica medo dentro do cruzamento das duas raças, afirmando que se pode beneficiar-se dela, pois é um fenômeno que reduz a incidência de determinadas condições hereditárias e o aumento da variabilidade genética.

A relevância da raça para a seleção de cães-guias está diretamente relacionada à influência genética sobre diferentes características comportamentais. Estudos de herdabilidade demonstram que traços importantes para o desempenho da função apresentam componente genético significativo, incluindo medo, reatividade, sensibilidade a estímulos ambientais, capacidade de aprendizagem e predisposição para a interação social (Ilska *et al.*, 2017). Nesse sentido, a seleção de linhagens geneticamente favoráveis constitui uma estratégia importante para aumentar a eficiência dos programas de criação e treinamento.

Entretanto, embora a genética exerça papel fundamental no desenvolvimento comportamental dos cães, a raça, isoladamente, não determina o sucesso de um indivíduo como cão-guia. Existe ampla variação comportamental entre animais pertencentes à mesma raça, de modo que nem todos os Labradores ou Golden Retrievers apresentarão características compatíveis com essa função. Além disso, fatores ambientais, como as experiências vivenciadas durante o desenvolvimento, a qualidade da socialização, os métodos empregados no treinamento e as condições gerais de manejo, exercem influência significativa sobre o comportamento adulto (Appleby *et al.*, 2002; Landsberg *et al.*, 2013).

Essa interação entre predisposição genética e ambiente explica por que os programas modernos de formação de cães-guias não se baseiam exclusivamente na escolha da raça durante o processo seletivo, mas utilizam-na como fator coadjuvante. Atualmente, a identificação dos candidatos envolve a combinação de critérios genéticos, avaliações comportamentais e testes preditivos realizados em diferentes fases do desenvolvimento dos animais, permitindo selecionar indivíduos com maior potencial para desempenhar a função de guia, ainda que a raça seja considerada apenas um dos fatores envolvidos nesse processo. A compreensão dessa relação constitui um dos principais fundamentos científicos para o aperfeiçoamento contínuo dos programas contemporâneos de seleção, criação e treinamento de cães-guias.

3.2.1 Bases genéticas do comportamento

A compreensão das bases genéticas do comportamento canino constitui uma ferramenta importante para programas de seleção de cães-guias, uma vez que permite identificar linhagens com maior probabilidade de apresentar características desejáveis para a função (Goddard; Beilharz, 1982). Experiências de vida, socialização e treinamento desempenham papel fundamental no desenvolvimento comportamental, porém, diversos estudos demonstram que características relacionadas ao temperamento apresentam componentes hereditários significativos, mostrando que o comportamento resulta da interação complexa entre fatores genéticos e ambientais.

Goddard e Beilharz (1982), em estudos sobre herdabilidade de características comportamentais em cães-guias, observaram que traços relacionados ao medo, à confiança e à estabilidade comportamental apresentavam influência genética mensurável, sugerindo que a seleção de reprodutores poderia contribuir para o aumento das taxas de sucesso dos programas de treinamento. A herdabilidade pode ser definida como a proporção da variação observada em uma característica que é atribuída a diferenças genéticas entre indivíduos de uma população. Em cães, diversos estudos demonstram que características comportamentais relevantes para o trabalho de guia apresentam níveis moderados de herdabilidade (Ilska *et al.*, 2017).

Outros estudos genéticos indicam que a predisposição para reações de medo possui componente hereditário relevante, sendo influenciada por múltiplos genes associados a processos neurobiológicos relacionados à resposta emocional e ao processamento de estímulos. A sociabilidade e a capacidade de interação com seres humanos também apresentam bases genéticas importantes. Pesquisas conduzidas por Bray *et al.* (2021) demonstraram que filhotes destinados a programas de assistência já apresentam diferenças individuais na atenção direcionada aos humanos e na capacidade de interpretar sinais comunicativos em idades muito precoces. Os autores verificaram que parte significativa dessa variação era explicada por fatores genéticos, indicando que habilidades sociais fundamentais para o trabalho de assistência apresentam influência genética e podem responder à seleção ao longo das gerações.

Outro aspecto relevante para a formação de cães-guias é a treinabilidade, frequentemente descrita como a facilidade com que o animal aprende novos comportamentos e responde ao treinamento. Embora essa característica seja influenciada pela qualidade das

técnicas empregadas e pelas experiências vivenciadas durante o desenvolvimento, estudos sugerem que a predisposição para aprendizagem e cooperação com humanos também possui componente hereditário considerável (Serpell; Hsu, 2001).

O avanço das ferramentas de genética molecular permitiu ampliar a compreensão dos mecanismos biológicos associados ao comportamento canino. Atualmente, pesquisas utilizam análises genômicas para identificar regiões do DNA relacionadas a características comportamentais específicas, possibilitando a seleção mais precisa de linhagens destinadas a funções especializadas. Essa abordagem tem sido empregada em diferentes programas de cães-guias com o objetivo de reduzir a incidência de traços indesejáveis, como medo excessivo, reatividade e baixa treinabilidade, e aumentar a probabilidade de sucesso dos candidatos (Ilska *et al.*, 2017).

É importante destacar que a genética não atua de forma isolada na determinação do comportamento, pois a expressão dos traços hereditários depende da interação contínua com fatores ambientais, incluindo experiências precoces, qualidade da socialização, métodos de treinamento e condições de manejo. Mesmo cães geneticamente predispostos a apresentar características favoráveis ao trabalho de guia podem desenvolver comportamentos inadequados caso sejam submetidos a ambientes desfavoráveis durante seu desenvolvimento.

Dessa forma, os programas modernos de formação de cães-guias devem adotar uma abordagem integrada, combinando seleção genética, monitoramento comportamental e testes preditivos ao longo do desenvolvimento dos animais. Essa estratégia reconhece que o sucesso do cão-guia depende tanto de sua predisposição genética quanto das experiências adquiridas durante a vida, permitindo uma avaliação mais abrangente do potencial de cada candidato.

3.3 Influência do ambiente e socialização

O desenvolvimento comportamental do cão-guia é fortemente moldado pela interação entre genética e ambiente durante o chamado período sensível, fase caracterizada por maior plasticidade comportamental e maior influência das experiências ambientais, compreendido entre a 2ª e a 13ª semana de vida (Serpell; Jagoe, 1995). Segundo Stamps e Groothuis (2010), durante essa fase, a plasticidade do sistema nervoso central permite que as experiências vivenciadas estabeleçam as bases do temperamento adulto, sendo a privação de estímulos sociais e ambientais nesse estágio um fator crítico para o surgimento de timidez e medo crônico. Clarence Pfaffenberger (1963) também enfatizava a importância da exposição

adequada durante as primeiras semanas de vida, especialmente entre 6 e 16 semanas, para o desenvolvimento da estabilidade necessária para o trabalho de assistência.

O manejo moderno baseia-se na colocação dos filhotes em famílias socializadoras entre a 6ª e a 12ª semana de idade, onde permanecem até aproximadamente os 12 a 18 meses (Batt, 2006). A função dessas famílias é vital, pois devem expor o animal a diversos estímulos, como tráfego urbano, multidões, transporte público, além de diferentes superfícies e odores. A socialização deve ser conduzida de forma positiva e gradual: animais mantidos em ambientes restritos ou isolados durante esse período podem apresentar alterações associadas à privação ambiental, como medo acentuado, baixa adaptabilidade e dificuldade de resposta a novos estímulos.

Fatores específicos da rotina nas famílias socializadoras influenciam diretamente a reatividade emocional do animal. O tempo que o filhote passa sozinho em casa deve ser monitorado; evidências indicam que episódios frequentes de isolamento prolongado aumentam a probabilidade de o cão desenvolver medo de estímulos sonoros e visuais (Menuge *et al.*, 2021). Além disso, o contato frequente com diferentes pessoas, incluindo crianças e pessoas com variadas características, favorece a estabilidade nervosa e a autoconfiança, sendo recomendado o uso do reforço positivo e até recursos tecnológicos, como gravações de ruídos de trovoadas, para habituar o animal a sons súbitos de forma controlada (Batt *et al.*, 2008).

A transição da fase de socialização para o adestramento representa um desafio adaptativo significativo devido à mudança de ambiente e separação das figuras de apego (Scott e Fuller, 1965; Hart e Hart, 1985). Esse impacto pode ser mitigado se o animal for previamente habituado ao sistema de alojamento em canis, o que resulta em menores concentrações de cortisol e melhor resposta ao aprendizado. Cães que demonstram maior dificuldade em relaxar em ambientes novos possuem perfis hormonais indicativos de alta reatividade, o que reforça a importância de um manejo ambiental integrado e robusto para garantir também o bem-estar do animal.

3.4 Principais causas de reprovação no programa

Entre os fatores comportamentais, o medo excessivo é consistentemente apontado como uma das principais causas de reprovação (Menuge *et al.*, 2021). Embora o medo seja uma resposta adaptativa importante para a sobrevivência dos canídeos, sua manifestação exagerada diante de estímulos cotidianos compromete a segurança durante o trabalho de guia.

Situações como trânsito intenso, ônibus, motocicletas, multidões, obras, portas automáticas, escadas rolantes e ruídos inesperados exigem do animal elevado grau de estabilidade emocional. Cães que apresentam imobilidade, hesitação ou tentativas de fuga diante desses estímulos frequentemente não concluem o treinamento (Batt *et al.*, 2011).

Outro fator frequentemente relatado é a distratibilidade ambiental, caracterizada pela dificuldade em manter atenção contínua durante a condução. Cães-guias devem ignorar pessoas desconhecidas, outros cães, alimentos, odores, aves, gatos e inúmeros estímulos presentes no ambiente urbano. Apesar de tais comportamentos serem naturais para cães domésticos, durante o trabalho representam um importante risco operacional, podendo comprometer a condução segura do usuário (Batt *et al.*, 2008; Harvey *et al.*, 2017).

A excitabilidade elevada também figura entre as principais causas de desligamento dos programas de treinamento. Cães excessivamente impulsivos ou facilmente estimuláveis tendem a apresentar dificuldade para controlar suas respostas emocionais diante de novidades, manifestando aceleração da marcha, agitação motora e redução da capacidade de concentração. Segundo Harvey *et al.* (2017), essas características diminuem a previsibilidade do comportamento e tornam o animal menos adequado para uma atividade que exige calma e consistência durante longos períodos.

Relacionado a esse aspecto, encontra-se a baixa tolerância ao estresse ambiental. O ambiente urbano expõe continuamente o cão a múltiplos estímulos auditivos, visuais e táteis, exigindo elevada capacidade de adaptação. Alguns indivíduos desenvolvem sinais persistentes de ansiedade, como hipervigilância, inquietação, tremores ou dificuldade para recuperar o estado de relaxamento após situações estressantes (Caron-Lormier *et al.*, 2016). Esses comportamentos estão entre as causas mais frequentes de desligamento observadas em programas internacionais de cães-guias.

Outro aspecto amplamente avaliado é a reatividade social, que engloba respostas inadequadas, defensivas ou agressivas, direcionadas a pessoas ou outros animais. Além disso, cães excessivamente sociáveis podem apresentar dificuldades por buscarem interação frequente durante o trabalho, desviando sua atenção da condução segura (Caron-Lormier *et al.*, 2016; Batt *et al.*, 2011).

A literatura também destaca a importância da autonomia comportamental e da capacidade de tomada de decisão, especialmente por meio da chamada “desobediência inteligente”. Nessa situação, o cão deve ser capaz de ignorar um comando emitido pelo usuário quando sua execução representar risco, como atravessar uma via diante da aproximação de veículos ou seguir um trajeto obstruído. Para isso, são necessários elevados

níveis de autoconfiança, estabilidade emocional e capacidade de julgamento, características que distinguem os cães aprovados daqueles que não conseguem concluir o treinamento (Bray *et al.*, 2017).

Embora os fatores comportamentais sejam predominantes, problemas de saúde também constituem uma importante causa de reprovação. Alterações ortopédicas, especialmente displasia coxofemoral e displasia de cotovelo, doenças oculares hereditárias, cardiopatias e outras enfermidades crônicas podem limitar a capacidade funcional do animal e reduzir sua vida útil como cão-guia. Por esse motivo, programas modernos investem intensamente em seleção genética e acompanhamento veterinário preventivo (Batt *et al.*, 2008; Batt *et al.*, 2011).

Em conjunto, as evidências científicas indicam que o sucesso de um cão-guia depende de uma interação complexa entre fatores genéticos, desenvolvimento inicial, experiências ambientais e características individuais de temperamento. A capacidade de manter estabilidade emocional diante de estímulos intensos, controlar impulsos, ignorar distrações e tomar decisões seguras sob pressão constitui um requisito indispensável para o exercício da função, justificando o elevado rigor empregado pelos programas de seleção e treinamento (Harvey *et al.*, 2017; Bray *et al.*, 2017; Menuge *et al.*, 2021).

Cheney (2017) destaca que a fêmea reprodutora pode exercer influência determinante sobre o desenvolvimento comportamental dos filhotes: níveis excessivamente intensos de cuidado maternal e vigilância da fêmea têm sido correlacionados a maiores taxas de falha no programa, pois podem reduzir a independência do filhote. Aliado a isso, a hipótese da "inoculação de estresse" sugere que a exposição a níveis moderados, previsíveis e controlados de desafio na infância pode favorecer a resiliência e a capacidade de resolução de problemas (Bray *et al.*, 2017). Um marcador biológico interessante é o estilo de amamentação: mães que utilizam a amamentação vertical (em que os filhotes precisam se esforçar para mamar) tendem a produzir descendentes mais bem-sucedidos do que aquelas que adotam a amamentação ventral, considerada mais passiva.

4 TESTES PREDITIVOS E FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO

A avaliação de cães-guias é um processo rigoroso, voltada tanto ao desempenho quanto ao bem-estar e serviço animal, visto que as taxas de falhas durante o treinamento podem chegar a mais de 50% (Menuge *et al.*, 2021). O sucesso do treinamento depende da aplicação de vários testes comportamentais e ferramentas de avaliação que consigam identificar, o mais precocemente possível, traços comportamentais incompatíveis com a função, principalmente o medo (Goddard; Beilharz, 1984). Para reduzir o desligamento tardio de animais inaptos, as instituições devem desenvolver metodologias diversificadas que combinem avaliações etológicas, indicadores fisiológicos e testes de lateralidade motora (Batt *et al.*, 2008).

Dentre as avaliações comportamentais, destacam-se os testes de reatividade e temperamento aplicados em diferentes estágios do desenvolvimento juvenil. O Teste de Reatividade Emocional (ERT), por exemplo, avalia a resposta do cão a pessoas desconhecidas, estímulos visuais e sonoros, além da sensibilidade ao manuseio corporal (Menuge *et al.*, 2021). Pesquisas indicam que comportamentos específicos registrados nesses testes, como pular, latir e o comportamento de abaixamento durante a saudação (considerada um sinal de apaziguamento e sociabilidade), apresentam boa confiabilidade de teste-reteste, permitindo a identificação de traços estáveis de personalidade. Além disso, a capacidade do cão manter o foco e ignorar distrações, como comida ou objetos em movimento, tem se mostrado o melhor preditor para o sucesso final do treinamento (Harvey *et al.*, 2016).

O conjunto de indicadores fisiológicos, especificamente o cortisol, oferece uma camada adicional de objetividade às avaliações. O aumento na secreção de cortisol pela saliva está associado a respostas de estresse e medo, embora nem sempre haja uma correlação direta com a resposta comportamental expressada (Hiby *et al.*, 2006). Em testes de reatividade, observou-se que cães podem manifestar sinais comportamentais evidentes perante estímulos visuais e sonoros, mas ainda assim apresentar elevações fisiológicas de estresse, o que torna a medição hormonal essencial para compreender a real experiência emocional do animal. Estudos sugerem que a falta de habituação precoce em famílias socializadoras correlaciona-se com maiores níveis de cortisol durante testes de estresse, reforçando a importância do manejo ambiental durante as fases iniciais de desenvolvimento (Menuge *et al.*, 2021).

Outra ferramenta de avaliação é a lateralização motora, que investiga a preferência do uso das patas (como nos testes dos brinquedos Kong ou da fita adesiva no focinho) como indicativo de estabilidade emocional (Branson *et al.*, 2003; Batt *et al.*, 2007).

Evidências indicam que cães com lateralização fraca ou ambidestros podem ser mais propensos a demonstrar sinais de angústia diante de ruídos intensos, sendo a taxa de uso de ambas as patas simultaneamente e índices específicos de preferência motora indicadores preditivos para o sucesso no trabalho de guia (Branson; Rogers, 2006). Esses testes de lateralidade, somados a latências comportamentais, como o tempo que o cão leva para se deitar e relaxar em um ambiente calmo, ajudam a compor um perfil de resiliência para o trabalho de guia.

4.1 Teste de comportamento na fase juvenil

O período juvenil inicia-se por volta dos 3 meses de idade e se estende até a maturidade sexual, geralmente entre os 6 e 9 meses (Scott; Fuller, 1965). Avaliar os cães nessa etapa é fundamental, pois, embora grande parte das pesquisas se concentre nas primeiras 12 semanas de vida, o sistema nervoso dos cães continua a se desenvolver durante a adolescência, o que exerce efeitos de longo prazo na personalidade adulta (McCormick; Mathews, 2010).

A priorização de avaliações na fase juvenil, em vez de testes realizados antes das 12 semanas, justifica-se pela maior estabilidade comportamental à medida que o animal envelhece. Já os testes aplicados em filhotes muito jovens, costumam ter sucesso limitado em prever o comportamento adulto, pois as mudanças neurais e comportamentais ainda são muito intensas (Overall, 2013).

Em contrapartida, estudos indicam que avaliações realizadas em cães a partir dos 5 meses de idade já conseguem demonstrar consistência temporal em diversas medidas, como latidos, saltos e reações a distrações, permitindo uma predição mais acurada sobre a adequação do animal para a função de guia (Duffy; Serpell, 2012).

Do ponto de vista prático e institucional, a aplicação de testes entre os 5 e 8 meses de vida permite identificar, com maior confiabilidade, animais com alta ou baixa probabilidade de conclusão bem-sucedida no treinamento. Essa identificação precoce é essencial tanto por razões financeiras quanto de bem-estar animal, possibilitando que cães com baixa probabilidade sejam redirecionados ou encaminhados para adoção mais cedo, enquanto os recursos de treinamento são concentrados nos candidatos com maior potencial de sucesso. Além disso, os resultados desses testes na fase juvenil podem auxiliar na seleção de indivíduos para programas de reprodução, garantindo a continuidade de linhagens com fenótipos comportamentais desejáveis (Harvey *et al.*, 2014).

A validade desses testes é reforçada quando as situações de avaliação simulam cenários do cotidiano, como o encontro com estranhos, obediência básica e sensibilidade corporal. A consistência observada em traços como a reatividade a distrações (comida ou outros animais) durante a fase juvenil confirma que esses testes detectam diferenças individuais estáveis que podem ser relacionadas à personalidade do cão. Assim, o monitoramento sistemático durante o período juvenil oferece uma ferramenta de avaliação mais robusta, capaz de classificar corretamente o desfecho do treinamento para cerca de 80% a 87% dos animais.

4.1.1 *Teste de Volhard*

O Teste de Aptidão de Filhotes de Volhard (PAT, do inglês *Puppy Aptitude Test*), desenvolvido por Jack e Wendy Volhard em 1996, representa um marco histórico na tentativa de sistematizar a seleção comportamental precoce de cães e é o método mais utilizado pelos centros de treinamento no Brasil. Fundamentado no teste de Campbell de 1972, que estuda a relação de dominância e submissão entre o animal e as pessoas por meio de avaliação comportamental, esse protocolo foi projetado para ser aplicado em filhotes entre 6 e 8 semanas de idade, expondo o animal individualmente a estímulos controlados, longe da mãe e dos irmãos, com o objetivo de prever sua adequação à função de trabalho.

A avaliação envolve manuseios específicos para tentar prever o comportamento futuro do animal, como levantar o filhote do chão (suspensão); rolá-lo de costas e mantê-lo nessa posição por um tempo determinado (geralmente 30 segundos); e beliscar levemente as orelhas ou as patas para testar a sensibilidade física. O objetivo dessas avaliações é identificar traços comportamentais precoces que indiquem a adequação do cão para a função específica de guia.

Porém, a etologia moderna apresenta críticas severas à premissa desse teste: a de que a dominância é um traço estável e fixo desde a infância. Cientificamente, essa suposição é hoje considerada falsa, pois o comportamento de um cão é um produto dinâmico de interações genéticas e ambientais ao longo do tempo (Asher *et al.*, 2013). Os métodos utilizados no teste de Volhard, como suspender o filhote no ar ou beliscar suas patas e orelhas para testar a sensibilidade, são criticados por serem completamente alheios ao comportamento natural dos cães. No ambiente natural, lobos ou cães não levantam uns aos outros, e o ato de ficar de costas costuma ser uma submissão voluntária, e não forçada; assim, assumir que um filhote que reluta nessas situações é um animal "dominante" é considerado irrealista.

No que tange à validade preditiva, as evidências sugerem que a aplicação isolada desse teste em idades tão precoces possui baixa confiabilidade para prever o desempenho de um cão adulto, sendo o ideal realizar outros métodos avaliativos e em cães nas fases juvenil e adulta inicial, em vez de cães com menos de 12 semanas de idade, visto que mudanças neurais e comportamentais são contínuas em cães e se estendem além da maturidade sexual, estabilizando-se somente na maturidade social (Asher *et al.*, 2013).

Nas pesquisas contemporâneas, o foco do teste mudou da dominância para a medição de traços como a confiança e a autonomia. Centros de treinamento de referência, como a *Guide Dogs for the Blind Association* (GDBA), modificaram o PAT para ferramentas como a Avaliação de Perfil de Filhotes (PPA). Nesse contexto, a confiança é definida operacionalmente como uma resposta positiva e ativa a estímulos ambientais, funcionando como o oposto direto da temerosidade. O objetivo central das pesquisas atuais é identificar precocemente se o filhote percebe novos desafios como "benignos", o que é fundamental para o trabalho de assistência.

A medição da confiança nessas pesquisas utiliza estímulos específicos, como a reação ao ser contido gentilmente, a resposta a ruídos e o comportamento ao atravessar obstáculos como túneis e rampas. Porém, achados curiosos mostram que a confiança extrema pode ser tão prejudicial quanto a falta dela: no teste da rampa, por exemplo, filhotes que pulavam e brincavam na plataforma de forma descuidada foram considerados menos aptos para serem cães-guias, possivelmente por não serem suficientemente atentos aos perigos do ambiente urbano. Além disso, filhotes que demonstraram pouca confiança, com poucas reações ao contato humano, também apresentam menores chances de sucesso na graduação.

Diante dessas complexidades, Asher *et al.* (2013) sugerem uma refinação na terminologia utilizada para medir esse traço. Provisoriamente rotulado como "excesso de confiança", comportamentos como latir e correr em direção a um ruído podem, na verdade, representar uma tentativa ativa do cão de controlar uma situação que lhe gera ansiedade. Assim, as pesquisas mais recentes propõem substituir o termo confiança por termos como "resposta ativa" ou "resposta passiva". Essa mudança no protocolo garante que o filhote não seja submetido a experiências de medo extremo durante seu período sensível de desenvolvimento.

4.2 Avaliação da lateralização motora

A realização de testes de lateralidade possui a premissa de que a dominância de um hemisfério cerebral sobre o outro influencia diretamente o processamento de emoções, além da capacidade de resolução de problemas nos cães (Tomkins *et al.*, 2012). Ao identificar esses perfis neurobiológicos precocemente, as organizações podem selecionar animais com temperamentos mais adequados para funções complexas, garantindo que o cão possua o equilíbrio necessário para operar em ambientes urbanos desafiadores.

A importância desses testes reside na forte correlação entre a preferência de pata e a inibição do medo. Cães destros (dominância do hemisfério esquerdo) tendem a ser mais exploratórios, audazes e proativos. Em contrapartida, cães que não apresentam uma preferência clara (ambidestros), ou que possuem lateralização fraca, são estatisticamente mais vulneráveis a desenvolver fobias a ruídos, como medo de trovões e fogos de artifício, uma das principais causas de reprovação em programas de assistência (McGreevy *et al.*, 2010). Assim, a triagem motora permite descartar animais propensos a reatividade sonora extrema antes que grandes investimentos sejam realizados.

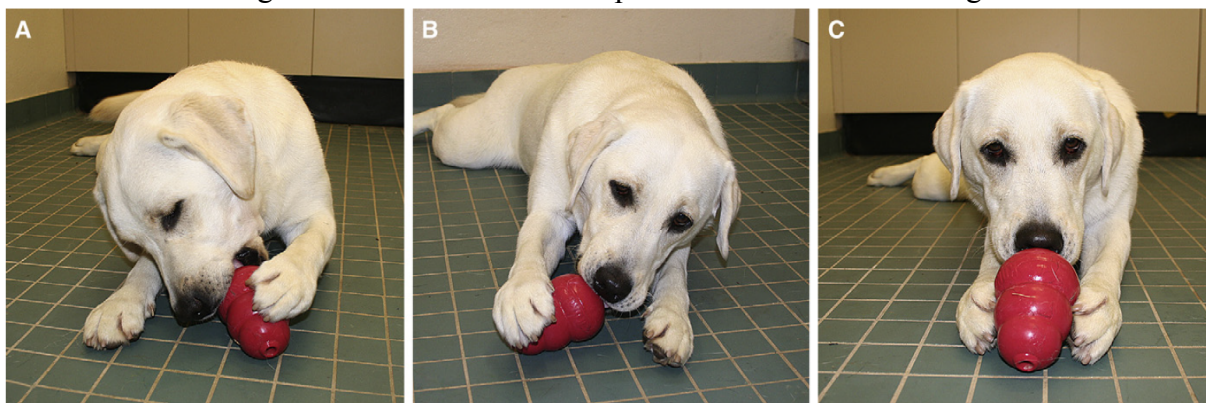
4.2.1 Teste do Kong

Descrito por Batt *et al.* (2008), o teste do Kong é atualmente uma das ferramentas mais utilizadas para avaliar a lateralidade motora em cães, sendo amplamente empregado em pesquisas sobre comportamento e desempenho de cães de trabalho. O princípio do teste baseia-se na ideia de que a preferência pelo uso de uma das patas reflete a especialização funcional dos hemisférios cerebrais, podendo a lateralidade fornecer informações relevantes sobre características comportamentais e emocionais do animal, auxiliando na identificação de perfis mais adequados para atividades de assistência.

Para a realização do teste, utiliza-se um brinquedo de borracha do tipo Kong recheado com alimentos altamente palatáveis, como carne, fígado, biscoitos ou ração úmida (Figura 1). Após o preenchimento, o brinquedo é congelado por algumas horas. Essa etapa é importante porque aumenta a dificuldade para obtenção do alimento, prolongando a interação do cão com o objeto e permitindo um número maior de observações durante a avaliação. Durante o procedimento, registra-se qual pata dianteira o animal utiliza para estabilizar o Kong enquanto tenta retirar o alimento. Recomenda-se a obtenção de 50 a 100 registros válidos para garantir maior confiabilidade dos resultados. Apenas os movimentos em que o cão posiciona deliberadamente uma das patas sobre o brinquedo são considerados, enquanto contatos acidentais ou apoios corporais não são contabilizados. O uso simultâneo das duas

patas também pode ser registrado, uma vez que está frequentemente associado a uma lateralização menos definida.

Figura 1 – Diferentes usos da pata durante o teste do Kong



Fonte: Tomkins *et al.* (2010).

Os dados obtidos são analisados por meio do Índice de Lateralidade (LI), que permite determinar tanto a direção quanto a intensidade da preferência lateral do animal e é calculado pela fórmula:

$$LI = \frac{R-L}{R+L} \times 100,$$

sendo: R = frequência de utilização da pata direita e L = frequência de utilização da pata esquerda. Valores positivos indicam preferência pela pata direita, enquanto valores negativos indicam preferência pela esquerda. Além da direção da preferência, a intensidade da lateralização também possui relevância comportamental. Esses estudos sugerem que cães com lateralização mais pronunciada tendem a apresentar maior confiança e capacidade de adaptação diante de situações novas, enquanto indivíduos sem uma preferência clara podem demonstrar maior sensibilidade a estímulos potencialmente estressantes, como ruídos intensos.

No contexto dos cães-guias, pesquisas demonstram que cães com preferência pela pata direita têm chances substancialmente maiores de graduação e sucesso no trabalho de guia (Tomkins *et al.*, 2012). Em um estudo específico, cães canhotos apresentaram uma taxa de sucesso de apenas 37,9%, comparada a 66,7% dos destros motores. Essa correlação sugere que o hemisfério cerebral esquerdo (associado à pata direita) está ligado à exploração e à inibição do medo, características fundamentais para a condução segura de um usuário em ambientes urbanos.

4.2.2 Teste do Primeiro Passo

O Teste do Primeiro Passo representa uma inovação metodológica na ciência do desempenho canino, desenvolvida para avaliar a lateralidade motora de forma mais eficiente e independente de motivações alimentares. Diferente do teste do Kong, que se baseia no comportamento de forrageamento, o teste do primeiro passo utiliza o comportamento locomotor simples para identificar a assimetria funcional do cérebro (Tomkins *et al.*, 2010). A premissa fundamental é que a observação de qual pata o cão utiliza para iniciar o movimento a partir de uma posição estacionária reflete a dominância do hemisfério cerebral contralateral.

A metodologia do teste é rigorosamente padronizada para evitar um viés externo, como a influência do condutor. O protocolo geralmente utiliza uma escadaria, onde o cão deve permanecer inicialmente parado, com as patas dianteiras perfeitamente alinhadas. Um assistente segura a guia de forma frouxa, sem exercer tensão, enquanto o pesquisador se posiciona à frente do animal e o chama. Registra-se, então, qual pata dianteira o cão levanta primeiro para iniciar o deslocamento e, para garantir a validade estatística, são coletadas 50 observações, divididas em 4 séries, alternando-se a posição do assistente entre o lado esquerdo e direito do animal para neutralizar possíveis influências espaciais.

O teste demonstrou níveis de confiabilidade excelentes, com coeficientes Kappa de concordância intra-observador (0,988) e inter-observador (0,975) extremamente elevados. Outro ponto relevante é que os resultados do primeiro passo parecem ser menos influenciados por fatores demográficos como raça, sexo ou idade, permitindo uma aplicação mais universal em populações heterogêneas.

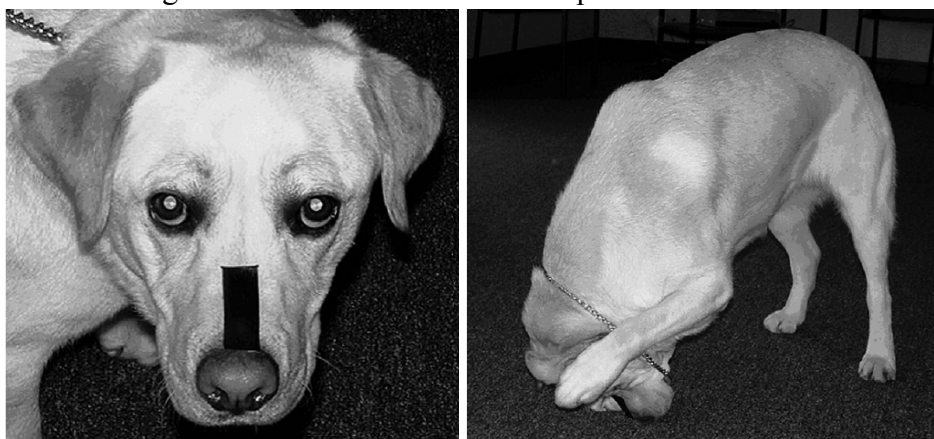
4.2.3 Teste da fita

Outro teste avaliativo da lateralização motora dos cães é o Teste da Fita, que consiste na observação de uma resposta operante simples: a tentativa do animal de remover um estímulo irritante físico. Diferente de testes baseados em motivação alimentar, como o teste do Kong, o teste da fita utiliza o comportamento de autolimpeza ou remoção de objetos estranhos para identificar qual hemisfério cerebral é recrutado para coordenar a ação motora.

A metodologia do teste é rigorosa e exige a padronização do material utilizado para garantir a reprodutibilidade. O protocolo geralmente utiliza uma tira de fita adesiva de

com dimensões aproximadas de 15 mm x 50 mm, que é aplicada centralmente na superfície dorsal do plano nasal (ponte do focinho) do cão (Figura 2).

Figura 2 – Fita colada no meio do plano nasal do cão



Fonte: Batt *et al.* (2007).

Por proporcionar uma maior durabilidade do estímulo, a fita adesiva exige menos reaplicação durante a coleta de dados. O avaliador registra qual pata dianteira o animal utiliza para tentar retirar a fita, coletando-se habitualmente 26 observações. Comportamentos alternativos, como esfregar o focinho no chão ou em objetos, são ignorados, focando estritamente no uso deliberado das patas dianteiras. Muitos animais tornam-se "frenéticos" em suas tentativas de remoção, realizando movimentos rápidos, girando, rolando no chão ou tentando esfregar o rosto em móveis e pessoas. Essa agitação pode dificultar a identificação precisa de qual pata foi utilizada primeiro, especialmente se o cão usar ambas as patas simultaneamente. Por essa razão, a literatura recomenda o uso de gravações de vídeo de múltiplos ângulos ou a presença de um anotador treinado para auxiliar o observador principal na captura imediata dos dados (Batt *et al.*, 2007).

O teste feito em cães juvenis (por volta dos 6 meses) revela que animais com uma lateralização mais forte no teste da fita (independentemente da direção) apresentaram latências menores para capturar objetos em movimento, sugerindo um perfil de maior audácia e confiança diante de estímulos novos. Embora demande cautela na interpretação devido à reatividade física, o teste da fita permanece como uma ferramenta complementar importante na bateria de avaliações neurobiológicas para identificar os candidatos a cão-guia mais resilientes e proativos.

4.3 Biomarcadores fisiológicos

A integração de biomarcadores fisiológicos às avaliações de lateralização representa um avanço significativo na precisão dos testes, pois permite acessar o estado interno e a reatividade emocional do animal que muitas vezes permanecem invisíveis à observação puramente comportamental (Ogata *et al.*, 2006). Um dos papéis mais cruciais desses marcadores é a revelação do estresse "mascarado": evidências indicam que cães treinados para assistência podem aprender, desde cedo, a inibir reações externas de medo para atender às expectativas de seus condutores.

Segundo Ogata *et al.* (2006), a utilização desses marcadores também é fundamental para diferenciar estados de reatividade emocional. Biomarcadores como o cortisol e a temperatura corporal (hipertermia induzida por estresse) ajudam a discernir se a resposta intensa de um cão a um estímulo é um estado de "eustresse" (estresse positivo associado à motivação e ao trabalho) ou uma manifestação de ansiedade e medo crônico. Essa distinção é vital para a formação de cães-guias, que devem ser proativos e engajados, mas nunca impulsivos ou emocionalmente reativos

No entanto, estudos que monitoram a atividade cardíaca e os níveis de cortisol demonstram que, mesmo quando o animal parece externamente calmo em testes de reatividade a estímulos sonoros e visuais, seu organismo pode estar processando níveis elevados de estresse biológico. Assim, os biomarcadores garantem que a seleção identifique cães que são genuinamente estáveis, e não apenas aqueles que aprenderam a suprimir comportamentos indesejados (Menuge *et al.*, 2021).

A avaliação do cortisol em cães é realizada principalmente por meio da análise de três substratos biológicos: saliva, urina e plasma sanguíneo, sendo considerada uma medida bioquímica fundamental para identificar o estresse e o medo. A coleta de cortisol salivar é a técnica mais comum devido à sua praticidade e caráter indolor. O procedimento consiste em inserir um cotonete na comissura lateral da boca ou na bolsa da bochecha do cão por um período que varia de 30 segundos a 2 minutos (Sherman *et al.*, 2014). Para garantir um volume adequado de amostra (geralmente acima de 0,3 mL), os técnicos podem estimular a salivação permitindo que o cão fareje uma guloseima palatável, sem que ele chegue a comê-la para não contaminar a amostra. Recomenda-se que as coletas ocorram entre 13:00 e 16:00 horas para minimizar a interferência do ritmo circadiano natural do hormônio.

Para medir o estresse de longo prazo ou a adaptação a novos ambientes, utiliza-se a análise do cortisol urinário, expressa através da relação cortisol:creatinina (C/C). A urina é coletada preferencialmente no primeiro horário da manhã (jato médio), pois a amostra acumulada durante a noite representa uma "piscina" de cortisol proporcional à produção das

últimas 24 horas. O uso da creatinina como referência é vital para padronizar os resultados, ajustando-os às variações de peso corporal e concentração urinária. Já o cortisol plasmático, embora mais invasivo por exigir a punção da veia cefálica, serve frequentemente como parâmetro de validação para os dados salivares, dada a alta correlação entre ambos.

Após a coleta, as amostras de saliva, urina ou plasma devem ser imediatamente resfriadas ou congeladas em temperaturas entre -20°C e -80°C para preservação até a análise laboratorial. A quantificação final é realizada por meio de métodos como o ensaio imunossorvente ligado à enzima, ELISA (Horváth *et al.*, 2007). Em protocolos de testes de reatividade emocional, os pesquisadores realizam uma coleta de linha de base antes do início das atividades e uma segunda coleta cerca de 15 a 20 minutos após o estímulo, intervalo necessário para que o cortisol atinja seu pico de secreção no organismo. Essa comparação permite diferenciar se a reação do cão foi apenas um estado momentâneo de excitação ou uma resposta fisiológica de estresse persistente (Sherman *et al.*, 2014).

Além de detectar o estresse oculto, os dados fisiológicos servem para validar os traços de resiliência e confiança sugeridos pelos testes motores e sensoriais. Enquanto a lateralização motora aponta para uma predisposição cerebral à exploração, a análise da dinâmica do cortisol e da imunoglobulina A salivar (IgA) fornece a confirmação biológica dessa capacidade adaptativa. Batt *et al.* (2009) observaram que cães com lateralização forte, que tendem a ser mais audazes, apresentam uma maior facilidade em relaxar em ambientes novos, o que é corroborado por menores concentrações de cortisol e latências de repouso mais curtas. Em contrapartida, baixas concentrações de IgA surgem como um sinal de alerta precoce, indicando uma falha no sistema de adaptação do animal ao treinamento de assistência (Tomkins *et al.*, 2011).

A inclusão de índices fisiológicos confere maior objetividade e confiabilidade ao processo de seleção, reduzindo os riscos de subjetividade inerentes ao julgamento humano. Respostas como o aumento da frequência cardíaca em resposta a estímulos condicionados de medo são consideradas medidas mais consistentes do que comportamentos como latir ou circular, que podem variar drasticamente entre indivíduos. Ao combinar o mapeamento neurobiológico da lateralização com a precisão dos biomarcadores, as instituições de cães de assistência conseguem tomar decisões mais éticas e economicamente sustentáveis.

4.4 Questionários para avaliações comportamentais

Para Hsu e Serpell (2003), uma abordagem alternativa aos testes e avaliações comportamentais realizados por treinadores consiste em basear-se nas experiências de pessoas que conviveram com os cães por longos períodos: as famílias socializadoras. A pesquisa consiste na avaliação dessas pessoas sobre o comportamento dos cães em diversos contextos naturais no período em que eram socializados. Um desses instrumentos de pesquisa é o Questionário de Avaliação e Pesquisa Comportamental Canina (C-BARQ, do inglês *Canine Behavioral Assessment and Research Questionnaire*).

Até o momento, o C-BARQ tem auxiliado inúmeras organizações de cães de trabalho mundo afora. Ao contrário dos testes laboratoriais, que capturam apenas uma amostra momentânea da resposta do animal, os questionários permitem que as organizações aproveitem a vivência acumulada das famílias socializadoras e supervisores que conviveram com o cão. Essa abordagem humanizada reconhece que ninguém conhece melhor o comportamento típico de um animal do que aqueles que compartilham sua rotina, permitindo a detecção de comportamentos raros ou específicos que podem não ocorrer durante um teste padronizado como o Teste de Volhard.

Desenvolvido por Hsu e Serpell, o instrumento utiliza escalas regulares para medir a gravidade e a frequência de traços como a treinabilidade, o medo social e a agressão direcionada a estranhos (Duffy; Serpell, 2012). Pesquisas realizadas em diversas organizações de cães-guias nos Estados Unidos demonstraram que o C-BARQ possui um alto Valor Preditivo Positivo (PPV), sendo capaz de discriminar com precisão cães que serão bem-sucedidos daqueles que serão reprovados. Um dado relevante extraído dessas avaliações é a característica de "puxar excessivamente a guia", um dos indicadores mais fortes de uma provável reprovação futura, conforme o Anexo A.

Outra ferramenta de grande relevância clínica é o Questionário para Supervisores de Treinamento de Filhotes (PTSQ, do inglês *Puppy Training Supervisor Questionnaire*), desenvolvido especificamente para monitorar cães juvenis em programas de assistência. Esse questionário avalia sete escalas principais: adaptabilidade, sensibilidade corporal, distração, excitabilidade, ansiedade geral, treinabilidade e medo de escadas (Harvey *et al.*, 2017). Utilizando uma Escala Visual Analógica (VAS) de 100 mm, os supervisores pontuam o comportamento, permitindo a criação de um sistema de "bandeiras" de alerta: bandeiras verdes para animais com alta probabilidade de sucesso, vermelhas para alto risco de falha e amarelas para aqueles que necessitam de intervenções de treinamento específicas. Essa metodologia permite uma gestão proativa e sustentável, focando recursos nos animais com maior potencial e oferecendo suporte preventivo aos cães em risco.

A validade dessas avaliações também é corroborada pela consistência temporal da dimensão de medo e reatividade, frequentemente avaliada por meio do Questionário para Famílias Socializadoras (QFF, do inglês *Questionnaire for Foster Families*). Pesquisas da Fundação Mira indicam que as percepções das famílias sobre o medo de ruídos ou o tráfego aos seis e doze meses de idade são preditores confiáveis da qualificação final do animal e até do tipo de programa para o qual ele será mais apto, seja como cão-guia ou cão para crianças com transtorno do espectro autista (Dollion *et al.*, 2019). O uso integrado de dados fisiológicos, como a medição de cortisol salivar, em conjunto com esses questionários, ajuda a validar as percepções humanas, revelando que filhotes menos expostos a estímulos durante o período sensível apresentam níveis mais altos de estresse biológico (Menuge *et al.*, 2021).

Apesar de sua eficácia, os questionários possuem limitações, como o risco de subjetividade do observador (Wilsson; Sinn, 2012). As famílias podem não reconhecer certos problemas, como a proteção de recursos, ou podem ter percepções variadas sobre o que constitui um comportamento "normal". No entanto, quando comparados aos testes práticos, os questionários mostram-se ferramentas econômicas e viáveis para monitoramento em larga escala, sendo cabível à instituição de treinamento orientar às famílias sobre o questionário e sobre os comportamentos que precisam ser identificados.

Ao fornecerem retratos do desenvolvimento do animal, essas ferramentas não apenas otimizam a seleção técnica, mas também elevam o padrão de bem-estar animal, permitindo que cães inaptos sejam encaminhados precocemente para adoção responsável, poupando-os de treinamentos exaustivos e estressantes para os quais não possuem perfil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eficácia dos testes preditivos apresentados varia significativamente conforme a idade do animal. Embora avaliações precoces aos 5 ou 8 meses de idade já permitam modelos estatísticos com até 87% de acurácia na predição de resultados, o período de 14 meses de idade (próximo à maturidade social) é considerado o momento mais preciso para a aplicação dessas ferramentas. O uso de funções discriminantes e modelos de regressão logística permite que as instituições classifiquem os cães em categorias de probabilidade de sucesso, possibilitando o descarte ético e precoce de animais inaptos por razões comportamentais, o que otimiza recursos e prioriza o bem-estar tanto do cão quanto do futuro usuário.

Além dos aspectos genéticos e comportamentais abordados ao longo dessa revisão, destaca-se a importância das famílias socializadoras no processo de formação de cães-guias. Durante os primeiros meses de vida, essas famílias são responsáveis por proporcionar ao animal experiências fundamentais para seu desenvolvimento emocional e social, promovendo sua exposição gradual a diferentes ambientes, pessoas, sons, superfícies e situações cotidianas. Esse período exerce influência significativa sobre a formação do repertório comportamental do cão, contribuindo para o desenvolvimento das características desejáveis. Dessa forma, o trabalho desempenhado pelas famílias socializadoras constitui um componente essencial dos programas de formação, complementando os processos de seleção genética e avaliação comportamental, além de contribuir diretamente para o sucesso futuro dos candidatos a cães-guias.

REFERÊNCIAS

APPLEBY, D. L.; BRADSHAW, J. W. S.; CASEY, R. A. **Relationship between aggressive and avoidance behaviour by dogs and their experience in the first six months of life.** *Veterinary Record*, London, v. 150, n. 14, p. 434–438, 2002.

ARATA, Sayaka *et al.* **Important behavioral traits for predicting guide dog qualification.** *Journal of Veterinary Medical Science*, v. 72, n. 5, p. 539-545, 2010.

ASHER, Lucy *et al.* **A standardized behavior test for potential guide dog puppies: Methods and association with subsequent success in guide dog training.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 8, n. 6, p. 431-438, 2013.

BATT, Lara S. *et al.* **Factors associated with success in guide dog training.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 3, n. 4, p. 143-151, 2008.

BATT, Lara S. *et al.* **Relationships between puppy management practices and reported measures of success in guide dog training.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 5, n. 5, p. 240-246, 2011.

BATT, Lara S. *et al.* **The effects of structured sessions for juvenile training and socialization on guide dog success and puppy-raiser participation.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 3, n. 5, p. 199-206, 2008.

BATT, Lara S. *et al.* **The relationships between motor lateralization, salivary cortisol concentrations and behavior in dogs.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 4, n. 6, p. 216-222, 2009.

BATT, Lara S.; BATT, Marjolyn S.; MCGREEVY, Paul D. **Two tests for motor laterality in dogs.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 2, n. 2, p. 47-51, 2007.

BRASIL. **Lei nº 11.126**, de 27 de junho de 2005.

BRASIL. **Decreto nº 5.904**, de 21 de setembro de 2006.

BRAY, Emily E. *et al.* **Effects of maternal investment, temperament, and cognition on guide dog success.** *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*, v. 114, n. 34, p. 9128-9133, 2017.

CARON-LORMIER, Geoffrey; HARVEY, Naomi D.; ENGLAND, Gary C. W.; ASHER, Lucy. **Using the incidence and impact of behavioural conditions in guide dogs to investigate patterns in undesirable behaviour in dogs.** *Scientific Reports*, London, v. 6, art. 23860, 2016. DOI: 10.1038/srep23860. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/srep23860>. Acesso em: 5 mai. 2026.

DOLLION, Nicolas *et al.* **Fear/Reactivity in working dogs: An analysis of 37 years of behavioural data from the Mira Foundation's future service dogs.** *Applied Animal Behaviour Science*, v. 221, p. 104864, 2019.

DUFFY, Deborah L.; SERPELL, James A. **Predictive validity of a method for evaluating temperament in young guide and service dogs.** Applied Animal Behaviour Science, v. 138, n. 1-2, p. 99-109, 2012.

ENNIK, I.; LIINAMO, A. E.; LEIGHTON, E.; VAN ARENDONK, J. A. M. **Suitability for field service in 4 breeds of guide dogs.** Journal of Veterinary Behavior, v. 1, n. 3, p. 67-74, 2006.

GERMONPRE, M. (2009). **Fossil dogs and wolves from Palaeolithic sites in Belgium, the Ukraine and Russia: Osteometry, ancient DNA and stable isotopes.** Journal of Archaeological Science. 36 (2): 473-490. doi:10.1016/j.jas.2008.09.033.

GODDARD, M. E.; BEILHARZ, R. G. **A multivariate analysis of the genetics of fearfulness in potential guide dogs.** Behavior Genetics, v. 15, n. 1, p. 69-89, 1985.

GODDARD, M. E.; BEILHARZ, R. G. **Early prediction of adult behaviour in potential guide dogs.** Applied Animal Behaviour Science, v. 15, n. 3, p. 247-260, 1986.

HART, Benjamin L.; HART, Lynette A. **Canine and feline behavioral therapy.** Philadelphia: Lea & Febiger, 1985.

HARVEY, Naomi D. *et al.* **An evidence-based decision assistance model for predicting training outcome in juvenile guide dogs.** PLOS ONE, v. 12, n. 6, p. e0174261, 2017.

HARVEY, Naomi D. *et al.* **Test-retest reliability and predictive validity of a juvenile guide dog behavior test.** Journal of Veterinary Behavior, v. 11, p. 65-76, 2016.

HIBY, Emma; ROONEY, Nicola J.; BRADSHAW, John W. S. **Behavioural and physiological responses of dogs entering re-homing kennels.** Physiology & Behavior, v. 89, p. 385-391, 2006. DOI: 10.1016/j.physbeh.2006.07.012.

HORVÁTH, Zsolt *et al.* **Three different coping styles in police dogs exposed to a short-term challenge.** Hormones and Behavior, v. 52, n. 5, p. 621-630, 2007.

Ilska J., Haskell M.J., Blott S.C., Sánchez-Molano E., Polgar Z., Lofgren S.E., Clements D.N., Wiener P. **Caracterização genética de traços de personalidade de cão.** Genética. 2017;206:1101-1111. doi: 10.1534/genetics.116.192674.

LANDSBERG, Gary M.; HUNTHAUSEN, Wayne L.; ACKERMAN, Lowell J. **Behavior problems of the dog and cat.** 3. ed. Edinburgh: Saunders Elsevier, 2013.

MCGREEVY, Paul D. *et al.* **Motor laterality in 4 breeds of dog.** Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research, v. 5, n. 6, p. 318-323, 2010. DOI: 10.1016/j.jveb.2010.04.007.

MENUGE, Fanny *et al.* **Early Evaluation of Fearfulness in Future Guide Dogs for Blind People.** Animals, v. 11, n. 2, p. 412, 2021.

NADERI, S.; MIKLÓSI, Á.; DÓKA, A. **Co-operative interactions between blind persons and their dogs.** Applied Animal Behaviour Science, 2001.

OGATA, Niwako *et al.* **Objective measurement of fear-associated learning in dogs.** Journal of Veterinary Behavior, v. 1, n. 2, p. 55-61, 2006.

OVERALL, Karen L. **Manual of clinical behavioral medicine for dogs and cats.** St. Louis: Elsevier, 2013.

Rooney N.J., Clark C.C.A., Casey R.A. **Minimizar o medo e a ansiedade em cães de trabalho: uma revisão.** J. Veterinário. Comportamento. O Clin. Appl. Res. 2016;16:53–64. doi: 10.1016/j.jveb.2016.11.001.

ROSA, Stella Arnt; JARREL, Logan; SOARES, Guilherme Marques; PAIXÃO, Rita Leal. **Tradução e validação de um questionário de avaliação comportamental em cães (C-BARQ) para o português.** *Archives of Veterinary Science*, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 10–17, 2017. DOI: 10.5380/avs.v22i1.47552.

SCOTT, John Paul; FULLER, John L. **Genetics and the social behavior of the dog.** Chicago: The University of Chicago Press, 1965.

SERPELL, James A.; HSU, Yuying. **Development and validation of a novel method for evaluating behavior and temperament in guide dogs.** *Applied Animal Behaviour Science*, v. 72, n. 4, p. 347-364, 2001.

SHERMAN, Barbara L. *et al.* **A test for the evaluation of emotional reactivity in Labrador retrievers used for explosives detection.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 10, n. 2, p. 94-102, 2014.

SINN, David L.; GOSLING, Samuel D.; HILLIARD, Stewart. **Personality and performance in military working dogs: Reliability and predictive validity of behavioral tests.** *Applied Animal Behaviour Science*, v. 127, n. 1-2, p. 51-65, 2010.

SOUZA, M. D.; FERREIRA, L. A.; SILVA, F. L. G. R. **Tecnologia assistiva cães-guia no Brasil: uma ação política orientada à inclusão social de pessoas com deficiência visual.** DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v. 21, n. 2, p. 362–373, 2019.

TOMKINS, Lisa M.; THOMSON, Peter C.; MCGREEVY, Paul D. **Associations between motor, sensory and structural lateralisation and guide dog success.** *The Veterinary Journal*, v. 192, n. 3, p. 359-367, 2012.

TOMKINS, Lisa M.; THOMSON, Peter C.; MCGREEVY, Paul D. **Behavioral and physiological predictors of guide dog success.** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 6, n. 3, p. 178-187, 2011.

TOMKINS, Lisa M.; THOMSON, Peter C.; MCGREEVY, Paul D. **First-stepping Test as a measure of motor laterality in dogs (*Canis familiaris*).** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 5, n. 5, p. 247-255, 2010.

TOMKINS, Lisa M.; MCGREEVY, Paul D.; BRANSON, Nicholas J. **Lack of standardization in reporting motor laterality in the domestic dog (*Canis familiaris*).** *Journal of Veterinary Behavior*, v. 5, n. 5, p. 235-239, 2010.

THE SEEING EYE. **History of guide dogs and The Seeing Eye**. Disponível em: <https://seeingeye.org/about-us/our-history/>. Acesso em: 10/04/2026.

UNIÃO NACIONAL DE USUÁRIOS DE CÃES-GUIA (UNUCG). **Cães-guia em atividade no Brasil**. Disponível em: <https://unucg.org.br/caes-guias-no-brasil/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

WIGGETT-BARNARD, C.; STEEL, H. **The experience of owning a guide dog**. Journal of Visual Impairment & Blindness, 2008.

WILSSON, Erik; SINN, David L. **Are there differences between behavioral measurement methods? A comparison of the predictive validity of two ratings methods in a working dog program**. Applied Animal Behaviour Science, v. 141, n. 3-4, p. 158-172, 2012.

ANEXO A - Questionário C-BARQ (*Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire*) traduzido para o português

Seção 1 – Treinamento e Obediência

Alguns cães são mais obedientes e mais fáceis de treinar que outros. Marcando nos campos apropriados, por favor, indique o quanto seu cão tem sido obediente nas seguintes situações, em um passado recente:

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
1 – Quando está solto da guia, vem imediatamente quando é chamado (a)	☐	☐	☐	☐	☐
2 – Obedece ao comando SENTA imediatamente:	☐	☐	☐	☐	☐
3- Obedece ao comando FICA imediatamente	☐	☐	☐	☐	☐
4- Parece escutar ou atender prontamente tudo o que você diz ou faz	☐	☐	☐	☐	☐
5- Devagar para responder as correções ou punições	☐	☐	☐	☐	☐
6- É devagar para aprender novos truques ou tarefas	☐	☐	☐	☐	☐
7-Se distrai facilmente com coisas que vê, ouve ou cheira:	☐	☐	☐	☐	☐
8 – Busca ou tenta buscar brinquedos, bolas ou objetos.	☐	☐	☐	☐	☐

Seção 2: Agressão

Alguns cães apresentam comportamentos agressivos de tempos em tempos. Sinais típicos de agressão moderada em cães incluem latir, rosnar e mostrar os dentes. Agressões mais sérias normalmente incluem mordidas e tentativas de mordidas.

Circulando ou sublinhando o número na seguinte escala de cinco pontos (0= Não há agressão e 4= agressão séria), por favor, indique a tendência recente de seu cão em exibir comportamentos agressivos em cada um dos contextos a seguir:

9. Quando corrigidos/punidos verbalmente (broncas, gritos, etc) por um membro da família (pessoa que conviva diariamente com o cão).

Agressão Moderada :

: Sem agressão
Não há sinais
visíveis de
agressão

latidos/rosnados-exibição de dentes

0.....1.....2.....3.....4

Agressão séria:
Mordidas ou
tentativas de
mordida

10. Quando abordado diretamente por um **adulto desconhecido** enquanto passeia ou se exercita com uso de guia e coleira:

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

11. Quando abordado diretamente por uma **criança desconhecida** enquanto passeia ou se exercita com uso de guia e coleira:

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

12. Uma pessoa desconhecida se aproxima do cão enquanto ele está dentro do carro (por exemplo, no posto de combustíveis ou pedintes na rua)

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

13. Quando brinquedos, ossos ou outros objetos são retirados do cão por pessoas da família (que resida com o cão).

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

14. Quando banhado ou escovado por pessoa da família.

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

15. Quando uma pessoa desconhecida se aproxima de você ou de outro membro da família dentro de casa.

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
Não há sinais	latidos/rosnados-exibição de dentes	Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

16. Quando uma pessoa desconhecida se aproxima de você ou de outro membro da família fora de casa.

<u>Sem agressão:</u>	<u>Agressão Moderada :</u>	<u>Agressão séria:</u>
	latidos/rosnados-exibição de dentes	

- Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Mordidas ou tentativas de mordida
17. Quando uma pessoa da família se aproxima diretamente enquanto o cão está comendo.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
18. Quando carteiros ou entregadores se aproximam de sua casa.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
19. Quando a comida do cão é retirada por algum membro da família.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
20. Quando estranhos passam pela sua casa enquanto o cão está na área externa ou no jardim:
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
21. Quando uma pessoa desconhecida tenta tocar ou acariciar o cão.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
22. Quando corredores, ciclistas, esquiteiros ou patinadores passam pela sua casa enquanto o cão está no jardim ou na área externa.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes
Não há sinais visíveis de agressão 0.....1.....2.....3.....4 Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida
23. Quando abordado diretamente por um cão macho desconhecido enquanto passeia ou se exercita com guia e coleira.
- Agressão Moderada :
Sem agressão: latidos/rosnados-exibição de dentes Agressão séria:

Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Mordidas ou tentativas de mordida
------------------------------------	---------------------------	-----------------------------------

24. Quando abordado diretamente por uma **cadela** desconhecida enquanto passeia ou se exercita com guia e coleira.

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

25. Quando encarado (olho no olho) diretamente por alguém da família.

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

26. Cães desconhecidos visitam sua casa.

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

27. Gatos, ratos ou outros animais entram no seu quintal (ou área externa).

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

28. Pessoa desconhecida visita sua casa.

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

29. Quando um cão desconhecido late, rosna ou mostra os dentes para ele.

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

- 30- Quando algum morador da mesma casa passa por cima do cão (sem tocá-lo)

	<u>Agressão Moderada :</u> <u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	
Sem agressão: Não há sinais visíveis de agressão	0.....1.....2.....3.....4	Agressão séria: Mordidas ou tentativas de mordida

31. Quando você ou alguém da família recupera objetos roubados pelo cão.

	<u>Agressão Moderada :</u>	
Sem agressão:	<u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	Agressão séria:
Não há sinais		Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

32. Como se comporta com outro cão residente na mesma casa (deixar em branco se não tiver outro cão).

	<u>Agressão Moderada :</u>	
Sem agressão:	<u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	Agressão séria:
Não há sinais		Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

33. Quando outro cão da casa se aproxima do lugar de descanso favorito do cão (deixar em branco se não há outro cão na casa)

	<u>Agressão Moderada :</u>	
Sem agressão:	<u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	Agressão séria:
Não há sinais		Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

34. Quando outro cão da casa se aproxima enquanto o cão se alimenta (deixar em branco se não há outro cão na casa)

	<u>Agressão Moderada :</u>	
Sem agressão:	<u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	Agressão séria:
Não há sinais		Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

35. Quando outro cão da casa se aproxima enquanto brinca / rói o brinquedo favorito, osso, objeto, etc. (deixar em branco se não há outro cão na casa)

	<u>Agressão Moderada :</u>	
Sem agressão:	<u>latidos/rosnados-exibição de dentes</u>	Agressão séria:
Não há sinais		Mordidas ou
visíveis de	0.....1.....2.....3.....4	tentativas de
agressão		mordida

Há alguma outra situação em que o cão reage agressivamente? Descreva sucintamente:

Seção 3: Medo e Ansiedade

Os cães, às vezes, exibem sinais de ansiedade ou medo, quando expostos a determinados sons, objetos, pessoas ou situações. Sinais típicos de medo discreto a moderado incluem: evitar contato visual, evitar o objeto (pessoa ou situação) temido, encolher-se com a cauda abaixada ou escondida entre as patas; chorar, ficar paralisado, e tremer. O medo extremo é caracterizado por um agachar exagerado e/ou por uma tentativa vigorosa de fugir ou se esconder do objeto, pessoa ou situação temida.

Circulando ou sublinhando o número na seguinte escala de cinco pontos (0= Não há sinais de medo e 4= medo extremo), por favor, indique a tendência recente de seu cão em exibir comportamentos de medo em cada um dos contextos a seguir:

36. Quando abordado diretamente por um **adulto** desconhecido enquanto está longe de casa.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

- Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
37. Quando abordado diretamente por uma criança desconhecida enquanto está fora de casa.
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
38. Em resposta a barulhos altos ou subtos (ex. Aspirador de pó, explosão de cano de descarga, britadeiras, objetos que são jogados, etc.)
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
39. Quando pessoas desconhecidas visitam sua casa.
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
40. Quando pessoas desconhecidas tentam tocar ou acariciar o cão..
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
41. Dentro do carro, em um engarrafamento intenso.
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.
42. Em resposta a objetos desconhecidos perto dele (sacos plasticos, folhas, lixo, bandeiras, etc)
Medo/ Ansiedade discreta-moderada
Sem medo/ansiedade: Não há sinais visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4 Medo Extremo: Agachamento extremo, fugas ou tentativas de se esconder, etc.

43. Quando examinado por um médico veterinário.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

44. Durante tempestades, queimas de fogos ou eventos similares.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

45. Quando abordado diretamente por um cão desconhecido do mesmo tamanho ou maior.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

46. Quando abordado por um cão desconhecido menor que ele.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

47. Quando da primeira exposição a situações desconhecidas (ex. primeira viagem de carro, primeira vez no elevador, primeira visita ao veterinário, etc)

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

48. Reação ao vento ou objetos que "produzem" vento (ventiladores, ar condicionados, secadores, etc)

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

49. Quando alguém da família corta as unhas do cão.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem

medo/ansiedade:

Não há sinais

visíveis de medo

0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:

Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

50. Quando banhado ou escovado por alguém da família.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem
medo/ansiedade:
Não há sinais
visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:
Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

51. Quando mal-tratados por alguém do domicílio

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem
medo/ansiedade:
Não há sinais
visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:
Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

52. Quando tem suas patas enxugadas por alguém da família.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem
medo/ansiedade:
Não há sinais
visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:
Agachamento extremo,
fugas ou tentativas de se
esconder, etc.

53. Quando cães desconhecidos visitam sua casa.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem
medo/ansiedade:
Não há sinais
visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:
Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

54. Quando um cão desconhecido late, rosna ou mostra os dentes.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Sem
medo/ansiedade:
Não há sinais
visíveis de medo 0.....1.....2.....3.....4

Medo Extremo:
Agachamento
extremo, fugas ou
tentativas de se
esconder, etc.

SEÇÃO 4 – Comportamentos relacionados à separação

Alguns cães apresentam sinais de ansiedade ou comportamentos anormais quando são deixados sozinhos, mesmo em períodos curtos de tempo. Lembrando do passado recente, com que frequência seu cão demonstrou cada um dos seguintes sinais de comportamentos relacionados à separação quando deixado sozinho, ou sobre ficar sozinho (marque na lacuna apropriada)

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
55- tremores intensos	☐	☐	☐	☐	☐
56- Salivação excessiva	☐	☐	☐	☐	☐
57- inquietação / agitação / sapateios	☐	☐	☐	☐	☐
58- choro	☐	☐	☐	☐	☐
59- latidos	☐	☐	☐	☐	☐
60- Uivos	☐	☐	☐	☐	☐
61- Arranha/mastiga portas, o chão, janelas, cortinas, etc.	☐	☐	☐	☐	☐

62 – Perde o apetite	☐	☐	☐	☐	☐
----------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Há alguma outra situação em que seu cão é medroso ou ansioso? Descreva sucintamente:

SEÇÃO 5: Excitabilidade

Alguns cães demonstram reações relativamente pequenas em situações repentinas ou eventos potencialmente excitantes e mostram-se perturbados nesses ambientes, enquanto outros se mostram bastante excitados ante a novidade menos estimulante. Sinais de excitabilidade discreta incluem aumento no estado de alerta, movimentos direcionados à origem da novidade, e breves episódios de latidos. Excitabilidade extrema é caracterizada pela tendência de reagir além da conta. Cães excitáveis latem ou choram histericamente para o "nada" (para eventos aparentemente nada estimulantes), correm impetuosamente na direção ou em volta da razão da excitação e é difícil de acalmar.

Usando a escala de 5 pontos (0= Calmo e 4= extremamente excitado), por favor, indique a tendência mais recente de o seu cão ficar excitado em cada uma das circunstâncias:

63. Quando você ou outro membro da família volta para casa depois de uma breve ausência: .

	<u>Medo/ Ansiedade discreta-moderada</u>	
Calmo:		Extremamente
Nenhuma reação		excitado: reações
em especial	0.....1.....2.....3.....4	exageradas e
		difíceis de acalmar.

64. Quando brinca com você ou outro membro da família.

	<u>Medo/ Ansiedade discreta-moderada</u>	
Calmo:		Extremamente
Nenhuma reação		excitado: reações
em especial	0.....1.....2.....3.....4	exageradas e
		difíceis de acalmar.

65. Quando toca a campainha (batem à porta).

	<u>Medo/ Ansiedade discreta-moderada</u>	
Calmo:		Extremamente
Nenhuma reação		excitado: reações
em especial	0.....1.....2.....3.....4	exageradas e
		difíceis de acalmar.

66. Antes de saírem para passear (caminhar).

	<u>Medo/ Ansiedade discreta-moderada</u>	
Calmo:		Extremamente
Nenhuma reação		excitado: reações
em especial	0.....1.....2.....3.....4	exageradas e
		difíceis de acalmar.

67. Antes de um passeio de carro.

	<u>Medo/ Ansiedade discreta-moderada</u>	
Calmo:		Extremamente
Nenhuma reação		excitado: reações
em especial	0.....1.....2.....3.....4	exageradas e
		difíceis de acalmar.

68. Quando as visitas chegam em sua casa.

Medo/ Ansiedade discreta-moderada

Calmo:
Nenhuma reação
em especial

0.....1.....2.....3.....4

Extremamente
excitado: reações
exageradas e
difíceis de acalmar.

Há alguma outra situação na qual seu cão venha a mostrar-se extremamente excitado? Se há, por favor, descreva sucintamente:

SEÇÃO 6: Vinculação e comportamentos para chamar atenção.

A maioria dos case é muito apegada aos membros da família, e muitos solicitam atenção e carinho constantemente. Pensando no passado recente, qual a frequência com que seu cão exibe os seguintes sinais de apego e solicitação de atenção.

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
69- Mostra um vínculo muito forte com algum membro da família em particular	☐	☐	☐	☐	☐
70- Segue você (ou outro membro da família) cômodo a cômodo	☐	☐	☐	☐	☐
71- tenta sentar perto ou em contato com você (ou outros) quando está sentado	☐	☐	☐	☐	☐
72- fica te "cutucando" (ou a outro familiar) ou chamando a atenção quando você está sentado	☐	☐	☐	☐	☐
73- Fica agitado (choros, pulos, tentativas de atrapalhar) quando você mostra afeto por outra pessoa	☐	☐	☐	☐	☐
74- Fica agitado (choros, pulos, tentativas de atrapalhar) quando você mostra afeto por outro cão ou outro animal	☐	☐	☐	☐	☐

SEÇÃO 7: Diversos

Cães apresentam uma variedade de problemas de comportamentos associados aos já abordados neste questionário. Pensando nos últimos meses, por favor, indique a frequência seu cão apresentou os seguintes comportamentos.

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
75- caça ou tenta caçar gatos, quando tem oportunidade	☐	☐	☐	☐	☐
76- caça ou tenta caçar pássaros, quando tem oportunidade	☐	☐	☐	☐	☐
77- caça ou tenta caçar ratos, gambás, ou outros animais pequenos quando tem oportunidade	☐	☐	☐	☐	☐
78- Foge ou tenta fugir do quintal para perambular na rua (quando tem chance)	☐	☐	☐	☐	☐
79- Rola sobre seus próprios excrementos ou de outros animais, ou sobre outras substâncias "mal-cheirosas"	☐	☐	☐	☐	☐
80- Come seus próprios excrementos ou de outros animais	☐	☐	☐	☐	☐

81- Roi objetos inapropriados	☐	☐	☐	☐	☐
82- Monta (tenta cruzar com) objetos, mobília ou pessoas	☐	☐	☐	☐	☐
	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
83- Pede comida insistentemente quando há alguém comendo	☐	☐	☐	☐	☐
84- Rouba comida	☐	☐	☐	☐	☐
85- Fica nervoso quando sobe ou desce escadas	☐	☐	☐	☐	☐
86- Puxa excessivamente a guia/coleira quando passeia	☐	☐	☐	☐	☐
87- Urina em objetos (paredes, mobília) na sua casa	☐	☐	☐	☐	☐
88- Urina quando acariciado, seguro ou abraçado	☐	☐	☐	☐	☐
89- Urina em locais inapropriados quando é deixado sozinho à noite ou durante o dia	☐	☐	☐	☐	☐
90- Defeca em locais inapropriados quando é deixado sozinho à noite ou durante o dia	☐	☐	☐	☐	☐
91- Hiperativo ou inquieto	☐	☐	☐	☐	☐
92- Brincalhão, como que um filhote.	☐	☐	☐	☐	☐
93- Ativo, energético, sempre pronto para brincar ou praticar alguma atividade	☐	☐	☐	☐	☐
94- Encara intensamente coisas invisíveis	☐	☐	☐	☐	☐
95- Caça moscas imaginárias	☐	☐	☐	☐	☐
96- Corre atrás do próprio traseiro	☐	☐	☐	☐	☐
97- Caça / segue sombras, pontos de luz, etc	☐	☐	☐	☐	☐
98- Late persistentemente quando alarmado ou excitado	☐	☐	☐	☐	☐
99- Se lambe excessivamente	☐	☐	☐	☐	☐
100- lambe excessivamente pessoas ou objetos	☐	☐	☐	☐	☐
101- Apresenta outros comportamentos bizarros, estranhos ou repetidos*	☐	☐	☐	☐	☐

* Descreva, por favor: _____
